

COMO EU ENTENDO HISTÓRIAS QUE JESUS CONTOU

CLÓVIS TAVARES

Valentim Neto - 2014
(Meus apontamentos)
vale.aga@hotmail.com

ÍNDICE

HISTÓRIAS QUE JESUS CONTOU 3

PREFÁCIO 4

CARTA AO PEQUENINO LEITOR 5

CAPÍTULO 1 = A PARÁBOLA DO SEMEADOR 6

CAPÍTULO 2 = A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO 8

CAPÍTULO 3 = A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO 10

CAPÍTULO 4 = A PARÁBOLA DA OVELHA DESGARRADA 12

CAPÍTULO 5 = A PARÁBOLA DA DRACMA PERDIDA 14

CAPÍTULO 6 = A PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO 16

CAPÍTULO 7 = A PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO 18

CAPÍTULO 8 = A PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS 20

CAPÍTULO 9 = A PARÁBOLA DA TORRE 22

CAPÍTULO 10 = A PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO 24

CAPÍTULO 11 = A PARÁBOLA DO RICO INSENSATO 26

CAPÍTULO 12 = A PARÁBOLA DOS TALENTOS 28

CAPÍTULO 13 = A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA 30

CAPÍTULO 14 = A PARÁBOLA DA VIÚVA IMPORTUNA 32

CAPÍTULO 15 = A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS 34

CAPÍTULO 16 = APÊNDICE (APENAS TRANSCRIÇÕES) 36

CAPÍTULO 17 = A PARÁBOLA DO SEMEADOR

CAPÍTULO 18 = A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

CAPÍTULO 19 = A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

CAPÍTULO 20 = A PARÁBOLA DA OVELHA DESGARRADA

CAPÍTULO 21 = A PARÁBOLA DA DRACMA PERDIDA

CAPÍTULO 22 = A PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO

CAPÍTULO 23 = A PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

CAPÍTULO 24 = A PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS

CAPÍTULO 25 = A PARÁBOLA DA TORRE

CAPÍTULO 26 = A PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO

CAPÍTULO 27 = A PARÁBOLA DO RICO INSENSATO

CAPÍTULO 28 = A PARÁBOLA DOS TALENTOS

CAPÍTULO 29 = A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

CAPÍTULO 30 = A PARÁBOLA DA VIÚVA IMPORTUNA

CAPÍTULO 31 = A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

HISTÓRIAS QUE JESUS CONTOU

“E falou-lhes muitas coisas em parábolas...”.

(Mateus, 13:3)

“Ele falou de lírios, da vida, do trigo.

Do corvo e do passarinho.

Foi simples e foi sábio ao mesmo tempo.

Por isso suas palavras se gravaram no coração do humano.

Falou do fermento, do pão,

De vestidos, de ovos, peixes e candeias...

E vede como em seus lábios as coisas simples.

Divina luz destilam!”.

(Autor desconhecido)

“Amparemos a inteligência infantil, a fim de que o coração da Humanidade fulgure com o Cristo, no porvir sublimado do mundo de amanhã”.

Emmanuel (Em mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier)

(A criança não é um Espírito infantil, é um Espírito milenar aguardando a maturidade física para se manifestar integralmente. Aproveite essa fase, ensine-o a amar as verdades espirituais e, amanhã, terá a glória de conviver com tua ação: Um irmão iluminado!)

PREFÁCIO

Meu amigo.

Conduzes teu filhinho ao pediatra, preservando-lhe a saúde corpórea.

Sabes guiá-lo ao nutricionista, para que se alimente com segurança.

Despendes louvável atenção para que lhe não falte o concurso do cabeleireiro e do alfaiate, a fim de que se apresente com esmero.

Preocupas-te, como é justo, por situá-lo no convívio de professores distintos, no jardim da infância ou na escola primária, iluminando-lhe a inteligência.

Contudo, a quem lhe conduzirás o coração para que aprenda a viver?

Não te esqueças do Divino Mestre dos Espíritos e auxilia o tenro companheiro de tua marcha a buscar em Jesus o Doador das Bênçãos Eternas. Ajuda-o a procurar no Cristo o cinzelador do caráter, para que o amor puro lhe presida a existência e para que a verdade lhe clareie o caminho.

Neste livro, um amigo das crianças relaciona histórias que Jesus contou para que os pequeninos o encontrem no santuário do coração.

Lembra-te de que se hoje és o apoio da felicidade de teu filhinho, amanhã será ele o apoio de tua felicidade.

Colherás nele o que houveres plantado - a abnegação ou a indiferença, o trabalho ou a preguiça, a paz ou a discórdia, a confiança ou a leviandade -.

Auxilia-o, pois, a sentir e a pensar com o Celeste Amigo e terás a inspiração do Senhor, assegurando-lhe abençoada luz ao porvir.

Emmanuel (Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier)

(Em dez anos podemos ensinar muitas coisas para as nossas crianças. Mas, e se nós mesmos não sabemos, como poderemos ensinar? Não há escola independente para ensinar aos pais e, assim sendo, forma-se um círculo vicioso; os pais não sabem aprender e não sabem ensinar. Neste volume podemos ir juntos... Vamos?)

CARTA AO PEQUENINO LEITOR

Querida criança:

Aqui está mais um livrinho de história para você. Os heróis destas histórias não são dos nossos dias: têm quase dois mil anos...

Não aparecem aqui Pinóquio nem Branca de Neve com os Sete Anões. Não encontrará você também Aladim com sua lâmpada maravilhosa, nem viajará com Gulliver ao país dos Gigantes. O Pequeno Polegar, o Chapeuzinho Vermelho e o Camundongo Mickey não estão aqui presentes. Nem comparecem nas nossas histórias Ali Babá, o Gato de Botas e o Pato Donald...

São outras, bem diferentes, as histórias que você vai ler. Foram contadas pelo Maior Amigo das Crianças. Sei que você conhece esse Grande Amigo... Sim, é ele mesmo, é Jesus, nosso Divino Mestre.

Também ele foi criança. Criança meiga e boa, gentil e pura, que encheu de alegria, amor e paz o lar de Nazaré. Ele amou os pequeninos de sua pátria, do mesmo modo que continua amando hoje, com ternura e proteção, as crianças do mundo inteiro.

Este livrinho quer mostrar aos seus olhos e ao seu coração de criança as lindas histórias que Jesus nazareno contou ao povo da Palestina. Têm elas o nome de parábolas. São simples, educativas e belas e, mais que tudo, foram narradas por aquele cuja vida é a mais linda história do mundo.

A palavra parábola quer dizer “comparação”.

Na língua que Jesus falava dizia-se “marshal”, que significa uma história, uma ilustração, uma breve narrativa, embora nem sempre signifique só isso.

Estas “Histórias que Jesus Contou” não se destinaram só aos humanos da Judéia e aos meninos das praias de Cafarnaum e das colinas de Nazaré. Ele as contou sabendo que ficariam no Evangelho para sempre, para as gerações do futuro, para nós todos. Elas são também para você, sabe? Não seria possível reunir aqui, num só volume todas as parábolas de Jesus. Várias delas, no entanto, aqui se encontram, expostas numa linguagem a alcance de seu intelecto, para que seu Espírito, recebendo estas lições do Divino Amigo, se conserve simples e bom, sincero e manso, generoso e puro. Para que sua vida, querida criança, seja uma permanente oferenda espiritual ao nosso querido Jesus nosso primeiro e maior amigo.

Pense muito nelas, releia-as sempre. Procure entendê-las bem. Rogue ao Mestre Divino, que as contou nas cidades da Palestina, que dê à sua mente o perfeito entendimento delas, concedendo também ao seu coraçãozinho as bênçãos da boa-vontade e da perseverança, a fim de que você pratique os sagrados ensinamentos do Evangelho.

Hoje, você é uma criança... Amanhã, crescido será adulto. Que seu Espírito, filhinho, recebendo desde agora as lições imortais do Senhor, as conserve sempre nas estradas de luta desta vida e nos caminhos luminosos da Eternidade.

No Grande Além, o Divino Pastor espera todos os corações que o amam e servem, amando e servindo à humanidade, com retidão de Espírito e sincero devotamento.

Que Jesus abençoe seu Espírito de criança! E que você entenda, sinta e aplique os sagrados ensinamentos de suas parábolas, que foram contadas também para você...

O Autor - Campos, R. J., 5 de abril de 1955.

(Todas as coisas faladas ou escritas representam uma forma de pensar, dependendo do que expressem podem ter vários nomes, relatos, ofícios, cartas, bilhetes etc. Nestas observações todas serão chamadas de ‘histórias’. Todas elas apresentam uma ideia, lendo e pensando nelas você poderá imaginar muitas coisas, aprender o que é certo e o que é errado. Vamos lê-las!)

1 - A PARÁBOLA DO SEMEADOR

(Mateus, capítulo 13º, versículos 1 a 9, e 18, a 23)

Um semeador, como fazia todos os dias, saiu de casa e se dirigiu ao seu campo para nele semear os grãos de trigo que possuía, honrando a Deus com seu trabalho honesto.

Começou a semeadura.

Enquanto lançava as sementes ao campo, algumas caíram no caminho, na pequena estrada que ficava no meio do campo.

Você sabe que os passarinhos costumam acompanhar os semeadores ao campo, para comer as sementes que caem no chão? Pois, isso aconteceu em nossa história. Algumas sementes caíram na beira da estrada, e os passarinhos, rápidos, desceram e as comeram.

O semeador, porém, continuou semeando.

Outras sementes caíram num lugar pedregoso. Havia ali muitas pedras e pouca terra.

As sementes nasceram rapidamente naquele solo, que não era profundo. O trigo cresceu depressa, mas, com o Sol forte, foi queimado; e como suas raízes não cresceram por causa das pedras, murchou e morreu.

Outras sementes caíram num pedaço do campo onde havia muitos espinheiros. Quando o trigo cresceu, foi sufocado pelos espinhos e também morreu.

Uma última parte das sementes caiu numa terra boa e preparada, longe dos pedregulhos e dos espinheiros.

E o trigo ali semeado deu uma grande colheita. Cada semente produziu outras cem, outras sessenta ou outras trinta...

O próprio Jesus explicou a seus discípulos a Parábola do Semeador.

Os nossos Espíritos, filhinhos, são comparáveis aos quatro terrenos da história: “o terreno do caminho”, “o terreno cheio de pedras”, “o terreno cheio de espinheiros” e “o terreno lavrado e bom”.

Jesus é o Divino Semeador. A semente é a sua palavra de bondade e de sabedoria. E os diversos terrenos são os nossos corações, os nossos Espíritos, onde ele semeia seus ensinamentos, cheio de bondade para com todos nós.

E como procedemos para com Jesus? Como respondemos à sua bondade? O modo como damos atenção ao amor cuidadoso do Divino Mestre é que nos classifica espiritualmente, isto é, mostra que espécie de terreno existe em nosso Espírito. Cada coração humano é uma espécie de terreno, um dos quatro tipos de terra da parábola.

Vejamos, então, filhinho:

Quando alguém ouve ou lê, a palavra do Evangelho e não procura compreender, nem lhe dá valor, aparecem as pessoas erradas (os Espíritos em erro, desencarnados ou encarnados) e arrancam o que foi semeado no seu Espírito, como os passarinhos comeram as sementes... E sabe de que modo? Fazendo com que o Espírito esqueça o que ouviu ou leu, dando outros pensamentos a você, fazendo com que você não tenha interesse pelas coisas espirituais. E o Espírito fica sem saber os ensinamentos divinos. O coração dessa pessoa é igual ao “terreno do caminho”, aonde a semente não chegou a penetrar. Um exemplo desse terreno é a criança que não vai ou não presta atenção nas aulas de Evangelho, ficando se distraído durante as aulas. Ou ainda, a criança que não gosta de ler os livrinhos que ensinam o caminho de Jesus...

E o segundo terreno, o pedregoso?

Esse terreno é como a pessoa que recebe os ensinamentos de Jesus com muita alegria. São exemplos as pessoas entusiasmadas com o serviço cristão, ou as crianças animadas nas escolas de Evangelho, mas a animação dura pouco. Quando surgem as zombarias, as perseguições ou os sofrimentos, aquele Espírito, que não é constante, abandona o caminho do Evangelho. Um exemplo para você, filhinho: uma criança está frequentando as aulas de Evangelização numa escola Espírita. Está

aprendendo os mandamentos divinos, os ensinamentos do Cristo, o caminho certo, da pureza, da honestidade. Está muito contente com o que está estudando. Sente-se animada e feliz. Um dia, aparece um colega do colégio ou um vizinho, dizendo que o “Espiritismo é obra do demônio”, e que “os que frequentam aulas de Evangelho nas escolas Espíritas ficam loucos e vão para o inferno”. E zomba dele sempre que o encontra e lhe põe apelidos humilhantes. O nosso amiguinho não tem ainda firmeza de fé. Tem medo das zombarias dos colegas e dos vizinhos, que dizem que “somente a religião deles é verdadeira” e lhe mandam “receber Espíritos na rua”. Amedrontado pela perseguição e pelos motejos, o nosso irmãozinho deixa a Evangelização, onde estava começando a compreender a beleza do ensino de Jesus e as bênçãos do Espiritismo Cristão. Essa criança tinha o coração semelhante ao “terreno cheio de pedras”, onde a árvore da verdade não pôde crescer e dar frutos.

O terceiro solo é a “terra cheia de espinheiros”.

É o caso das pessoas que recebem a ‘semente’ do Evangelho, mas, depois abandonam o caminho cristão por causa das grandezas orgulhosas do mundo e do egoísmo das riquezas. Ouviram o Evangelho, mas se interessaram mais pelos negócios de ‘muito’ dinheiro, pelos lucros, pelas vaidades da vida material, pelo cuidado exclusivo das coisas do corpo físico. Há também, nas crianças da Terra, exemplos desse terreno. São as crianças que conheceram, às vezes desde pequeninas, os ensinamentos de Jesus, mas, depois de crescidas, preferiram as companhias erradas, as crianças que não acreditam em Deus, e passaram a interessar-se somente pelos problemas de dinheiro ou de modas, pelos ídolos do cinema, novela ou do futebol. Não querem mais nem Jesus, nem lições de Evangelho. Só pensam em brinquedos de luxo, vídeos, games etc., sonham com caminhões, imaginam-se ricos “quando crescerem”... No início, sabiam repartir com os pobres o seu dinheirinho, roupa e brinquedos ou comida, porém, agora só pensam em guardar para si mesmo: a bondade morreu nos seus corações. O mundo, com suas riquezas falsas (que terminam com a morte), dominou seus corações e sufocou a plantinha de Deus em seus Espíritos. Trocaram Jesus pelos sonhos e ambições de carros de luxo, de figurinos, de roupas elegantes, de campos de esporte, de concursos de beleza, de grandezas sociais... A plantinha de Deus foi sufocada pelos espinhos do egoísmo e das ilusões da vida material. E morreu...

O quarto terreno, “a terra lavrada e boa”.

É o modelo do coração que escuta o Evangelho, procurando compreendê-lo e praticá-lo na vida. É o Espírito que estuda a palavra de Jesus, entendendo que está neste mundo para aprender a Verdade e o Certo. E, assim, dá frutos de bondade e eleva-se para Deus. Abandona seus vícios e errados costumes, dedicando-se a fazer as coisas certas, guardando a fé no coração, socorrendo bondosamente os necessitados e sofredores e buscando os conselhos de Deus no Evangelho do Cristo.

O coração de uma criança verdadeiramente cristã é o bom terreno da parábola: cada semente de Jesus se transforma em trinta, sessenta ou cem bênçãos de bondade, de fé e de auxílio aos pais e ao próximo. O coração dessa criança deseja conhecer sempre mais e melhor os ensinamentos cristãos. E se esforça sinceramente para fazer a Vontade Divina: amar e perdoar, crer e ajudar, aprender e servir.

Filhinho, aí está a Parábola do Semeador. Pense bastante nela. Que você, guardando a humildade de coração, se esforce para ser, se ainda não o é, o bom terreno, que recebe as sementes de luz do Divino Semeador e dá muitos frutos de sabedoria e bondade.

(Para que os pais ensinem aos seus filhos, eles também precisam saber. Existem as aulas de Evangelização para adultos e para crianças. Fica difícil para a criança que estuda na Evangelização entender a falta de exemplos por parte dos pais. E os pais que não conhecem o Evangelho não podem explicar a razão de não poderem dar exemplos. O Evangelho no Lar é um bom caminho para solucionar este problema.)

2 - A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

(Lucas, capítulo 10º, versículos 25 a 37)

Um dia, um pobre pessoa ia de Jerusalém para Jericó, distante trinta e três quilômetros, no vale do rio Jordão.

O caminho era cheio de curvas. Nele havia muitos penhascos, em cujas grutas era comum se refugiarem os salteadores de estradas, que naquele tempo eram muitos e perigosos.

O pobre viajante foi assaltado pelos ladrões. Os ladrões usaram de muita maldade, pois, além de roubarem tudo o que a pobre pessoa trazia, ainda a espancaram com muita violência, deixando-a quase morta no caminho.

Logo depois dos ladrões irem embora, passou por aquele mesmo lugar um sacerdote do Templo de Salomão. Esse sacerdote vinha de Jerusalém, onde possivelmente terminara seus serviços religiosos, e se dirigia também para Jericó. Viu o pobre viajante caído no caminho, ferido, meio morto. Não parou, porém, para socorrê-lo. Não teve compaixão do pobre ferido, abandonado no chão. Apesar dos seus conhecimentos da Lei de Deus, era um homem sem amor no coração, muito insensível. Por isso, continuou sua viagem, descendo a montanha, indiferente aos sofrimentos do infeliz...

Logo depois, passa também pelo mesmo lugar um levita. Os levitas eram auxiliares do culto religioso do Templo. Esse levita não procedeu melhor do que o sacerdote. Também conhecia a Lei de Deus, mas, no seu Espírito não havia bondade e ele fez o mesmo que o sacerdote, seu chefe. Viu o ferido e passou longe.

Uma terceira pessoa passa pelo mesmo lugar. Era um samaritano, que igualmente vinha de Jerusalém. Viu também o infeliz ferido no caminho, mas, não se afastou como o sacerdote e o levita. O bom samaritano desceu do seu jumento, aproximou-se da pobre pessoa e se encheu de grande compaixão - quando o olhou de perto, com as vestes rasgadas e sangrentas e o corpo ferido pelas pancadas que recebera -.

Imediatamente, o bondoso samaritano retirou do seu saco de viagem duas pequenas vasilhas. Uma era de vinho, com ele desinfetou as feridas da pobre pessoa; outra, de azeite, com que lhe aliviou as dores. Atou-lhe os ferimentos e levantou o desconhecido, colocando-o no seu animal. Em seguida, levou-o para uma hospedaria próxima e cuidou dele como carinhoso enfermeiro, durante toda a noite.

Na manhã seguinte, tendo que continuar sua viagem, chamou o dono da hospedaria, entregou-lhe dois denários (1) e recomendou-lhe que cuidasse bem do pobre ferido:

— Tem cuidado com esta pobre pessoa. Se gastares alguma coisa além deste dinheiro que te deixo, eu te pagarei tudo quando voltar.

Jesus contou esta parábola a um doutor da lei que lhe havia perguntado:

— Mestre, que devo fazer para possuir a Vida Eterna?

Jesus lhe respondeu que era necessário amar a Deus de todo o coração, de todo o Espírito, de todas as forças e de todo o entendimento; e também amar ao próximo como a si mesmo.

O doutor da lei, apesar de sua sabedoria, perguntou ao Divino Mestre quem era o seu próximo. Então, Jesus lhe contou a Parábola do Bom Samaritano. Terminada a história, o Senhor perguntou ao sábio judeu:

— Qual dos três (o sacerdote, o levita ou o samaritano) te parece que foi o próximo da pobre pessoa que foi assaltada pelos ladrões?

— Foi o que usou de bondade para com ele - respondeu o doutor -.

— Então, vai e faz o mesmo - disse-lhe o Divino Mestre -.

Entendeu, filhinho, a Parábola do Bom Samaritano?

O doutor da lei queria saber quem ele deveria considerar seu próximo, a fim de amar esse mesmo próximo. Mas, Jesus lhe respondeu indiretamente à pergunta, com outra questão: “Quem foi o próximo da pessoa ferida?” Jesus indagou do doutor da lei quem soube ter amor no coração para

o desconhecido em dores na estrada. E o doutor da lei, que era um judeu (os judeus odiavam os samaritanos), confessou que foi o samaritano.

“Vai e faze o mesmo” - é a ordem eterna do Mestre -.

O nosso próximo, filhinho, é qualquer pessoa que esteja em nosso caminho; é qualquer Espírito necessitado de auxílio; é aquele que tem fome, que tem sede, que está desamparado, que está sofrendo na prisão ou no leito de dor...

Que você, meu filho, imite sempre o Bom Samaritano. Esteja sempre pronto para socorrer quem sofre, como o bondoso samaritano fez, sem perguntar quem era a pessoa que sofria.

Que você faça o mesmo, como Jesus pediu. Nunca pergunte, nunca procure saber coisa alguma daquele que você pode e deve auxiliar. Não se interesse em saber se o pobre, se o doente, se o orfãozinho necessitado é espírita ou católico, se é judeu ou protestante, de que raça é a pessoa. Não se interesse em saber quais as ideias que ele defende ou a política que ele acompanha. Não cultive no coraçãozinho os odiosos preconceitos de raça, de religião ou de povo. Que você olhe apenas as feridas de quem sofre, para ajudar a curá-las. Que você enxergue somente a dor do próximo, para aliviá-la.

Imite o Bom Samaritano, filhinho. É Jesus quem pede ao seu coraçãozinho: “Vá e faça o mesmo”, sempre, em toda parte, com quem quer que seja.

Este é o caminho da Vida Eterna, com Jesus.

(1) O denário era uma moeda romana, em uso na Palestina no tempo de Jesus.

(Fazer o bem, sem olhar a quem. Quando estudamos o Evangelho descobrimos que Deus a tudo criou, seja material ou espiritual. Assim sendo, e esta é a mais pura verdade, somos todos irmãos, criaturas, filhos, de Deus! Quando não estudamos o Evangelho não sabemos disso, e acreditamos nas palavras dos ‘pregadores’ de igrejas que dizem Deus ter criado os humanos e o diabo e, com essa errada ideia, ficam separando os irmãos, filhos do mesmo Deus ‘pai’. Estude meu jovem irmão e descubra por você mesmo as mentiras e, a partir da sua decisão, vá amando a todos os seus irmãos, isto é, a todos, pois todos somos filhos de Deus!)

3 - A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

(Lucas, capítulo 15º, versículos 11 a 32)

Um homem tinha dois filhos, que com ele moravam na sua casa.

Um dia, o mais moço disse ao pai:

— Papai, me dá a parte da tua fortuna que me pertence. Eu desejo correr mundo, viajar por outras terras, conhecer nova gente...

O velho pai, diante desse pedido, repartiu com os dois, dando a cada um a parte que lhes cabia, de sua fortuna.

Alguns dias depois, o filho mais moço, juntando todas as coisas que lhe pertenciam, partiu para um lugar distante, muito longe de seu país.

Esse moço, infelizmente, não era ajuizado. Logo que chegou ao país estrangeiro, começou a gastar, sem cuidado, todo o dinheiro que possuía. Durante muitos dias ficou desperdiçando tudo que tinha. Buscou a companhia de outros rapazes desajuizados e consumiu toda a sua fortuna em festas, bebidas, diversões e passeios. Até que um dia, viu que a última moeda havia desaparecido e se achava na mais total pobreza.

Foi nessa época que uma grande seca produziu naquele país uma situação tristíssima. Com a seca, veio a fome. Mesmo na casa de ricos havia falta de pão. A miséria se estendeu, desoladora...

O pobre moço, então, buscou uma pessoa daquele país, contou-lhe sua desgraça e pediu-lhe a esmola de um emprego qualquer, mesmo que fosse o pior serviço. E o desconhecido o enviou para seus campos a fim de guardar porcos. Os porcos se alimentavam de alfarrobas, que são frutos de uma árvore chamada alfarrobeira; mas, nem mesmo desses frutos davam ao pobre moço. Os porcos se alimentavam melhor do que ele!

Foi então que o moço começou a pensar no que havia feito com seu bondoso pai, tão amigo, tão compreensivo, tão carinhoso... Pensou muito... Como fora mau e ingrato para com seu paizinho! Como fora também ingrato para com Deus, desrespeitando o Seu Mandamento, que manda honrar ao pai e a mãe... Sofrendo a consequência de seu erro, o pobre moço arrependeu-se sinceramente de sua ingratidão e de seus dias vividos no erro e no vício...

E pensou, então, entre lágrimas:

— Na casa de meu pai há muitos trabalhadores e todos vivem felizes pelo trabalho honesto. Vivem com abundância de pão e tranquilidade... E eu, aqui, morrendo de fome!... Não, não continuarei aqui. Voltarei para minha casa, procurarei meu pai e lhe direi: “Meu pai, errei contra o Céu e contra o senhor; não sou mais digno de ser chamado teu filho. Quero ser um simples empregado de tua casa...”.

E o moço, como pensou, assim fez.

Saindo de onde estava, voltou ao seu país e para a sua casa. Foi longa, difícil e triste a volta, pois ele não mais dispunha de dinheiro para as despesas de viagem. Passou muitas necessidades, sofreu fome e frio, dormiu nas estradas e nas florestas... Nunca abandonou, porém, a ideia de que voltar para casa era seu primeiro dever.

Finalmente, chegou ao seu antigo lar. Antes, porém, de atingir sua casa, seu velho pai o avistou de longe e ficou ainda mais compadecido, ao ver o filho naquele estado de grande miséria. Seu coração paterno, que nunca esquecera o filho ingrato, era todo piedoso. O bondoso pai correu, então, ao encontro do moço. E abraçando-o fortemente, beijou-o com imenso carinho.

Nesse momento, com lágrimas nos olhos, o filho disse ao seu pai compassivo:

— Meu pai, errei contra o Céu e contra o senhor. Não mais mereço ser chamado de teu filho. Quero ser um empregado de tua casa...

O bondoso pai, porém, que nunca deixou de amar seu filho, disse aos empregados da casa:

— Depressa! Tragam a melhor roupa para meu filho, preparem uma refeição para ele. Tragam-lhe calçado novo! Comamos todos juntos e alegremo-nos, porque este meu filho estava perdido e foi achado, estava morto e reviveu!

E todos os trabalhadores da casa atenderam imediatamente o velho pai e houve imensa alegria naquele grande lar.

O filho mais velho, porém, não estava em casa.

Achava-se trabalhando no campo. Quando voltou e viu aquela grande movimentação no interior da casa e ouviu as belas canções que os músicos acompanhavam com seus instrumentos, chamou um dos trabalhadores e perguntou o que era aquilo.

O trabalhador respondeu:

— Foi teu irmão que chegou. Teu pai, de tão alegre e feliz, mandou que preparássemos uma refeição e uma festa, porque o jovem voltou são e salvo.

O filho mais velho, cheio de ciúme, revoltou-se contra a bondade de seu pai e não quis entrar em casa. Várias vezes o velho pai chamou-o. Mas, ele lhe respondeu:

— Meu pai, há muitos anos que estou junto de ti, sem nunca te desobedecer e nunca prepareste uma refeição para mim e meus amigos. Mas, para meu irmão, que gastou teu dinheiro nos erros, em terra estrangeira, tu lhe preparas uma grande festa...

O bondoso pai, querendo vencer a teimosia do filho, desviá-lo do seu ciúme e incliná-lo à bondade e ao perdão, disse-lhe:

— Meu filho, tu estás sempre comigo e tudo que é meu é teu também. Mas, é justo que nos alegremos com a volta de teu irmão, que é também meu filho como tu. Lembra-te de que ele estava perdido e foi achado. Estava morto e reviveu para nosso amor e para nosso lar.

Querida criança: certamente você entendeu tudo que o Senhor nos quer ensinar com a Parábola do Filho Pródigo.

Deus é como o Bondoso Pai da história. Deus é bom, supremamente bom e está sempre disposto a receber seus filhos arrependidos. É preciso, contudo, que o arrependimento seja verdadeiro como o do filho da história.

Percebeu como foi triste para o moço abandonar seu pai e seu lar? Viu como ele sofreu no país estrangeiro, onde nem mesmo teve as comidas que os porcos comiam?

Assim acontece também com os Espíritos que abandonam os retos caminhos de Deus. Sofrem muito, pois quem se afasta do dever e da virtude conhecerá, mais cedo ou mais tarde, as dores do remorso e as tristezas da vida.

Arrependendo-se sinceramente, no entanto, Deus o escuta e usa de bondade com o Espírito arrependido, como o pai da parábola, que é um símbolo de nosso Pai do Céu.

Que você se conserve no bom caminho, meu filho. Mas se sentir que errou contra Deus ou contra os humanos, arrependa-se com a mesma humildade do filho pródigo. Nunca imite o filho mais velho da história, que era ciumento e orgulhoso e não teve compaixão do próprio irmão arrependido.

Deus é nosso Pai Compassivo e Eternamente Amigo. Não nos ausentemos nunca de Seu Amor. Mas, se errarmos, corramos para Ele, no caminho da oração sincera, com o coração arrependido e disposto a não errar mais. Ele nos ouvirá e virá ao nosso encontro, porque não há ninguém tão bom quanto Deus. Nem há quem nos ame tanto quanto Ele.

(Ao estudar o Evangelho, pela Doutrina dos Espíritos, entendemos as razões de estarmos encarnados numa determinada família. Com esse entendimento passamos a tratar corretamente aos nossos familiares, sejam eles de correto ou errado comportamento, tenham ou não as mesmas ideias que nós. A justíssima Lei de Deus nos oferece a oportunidade de consertarmos antigos erros, de outras encarnações, onde prejudicamos aos irmãos espirituais que conosco conviveram.)

4 - A PARÁBOLA DA OVELHA DESGARRADA

(Lucas, capítulo 13º, versículos 3 a 7)

Nos campos da Palestina, o lugar onde Jesus nasceu, havia uma pessoa que tinha cem ovelhas. Era um pastor, pois ele mesmo cuidava delas.

Com muito cuidado e bondade levava suas ovelhinhas aos lindos campos, onde havia bom pasto para elas. Levava-as também às fontes, onde elas encontravam água fresca e limpa.

O pastor era muito carinhoso e bom, e suas ovelhas o seguiam confiantes.

Um dia, uma ovelhinha fugiu do rebanho. Que teria pensado ela, para assim abandonar o pastor e suas irmãzinhas?

Certamente pensou que, além daqueles pastos onde vivia, havia pastagem melhor e mais rica. Pobrezinha! Não pensou nos perigos que poderia enfrentar longe do seu pastor. Não pensou que poderia encontrar, numa noite qualquer, sozinha, algum lobo ou algum animal que a devorasse. Não, a ovelhinha não pensou nos perigos... Pensou que era melhor ser sozinha, ser livre, correr pelos campos e pelas pastagens, solta, sem a vigilância de seu pastor e sem a companhia de suas irmãs. E fugiu...

Correu muito, para livrar-se do pastor e para não ser vista pelas companheiras...

Mesmo assim, o pastor, que cuidava de suas cem ovelhinhas, sentiu a falta da fugitiva. No abrigo cercado ele contou, logo na manhã seguinte, noventa e nove ovelhas.

Que fez, então, o bondoso pastor?

Deixou as noventa e nove ovelhinhas bem guardadas no abrigo cercado e partiu em busca da ovelhinha fugitiva, desgarrada.

Andou muito o bom pastor. Procurou-a pelas pastagens próximas e não a encontrou... Andou, andou muito... Subiu montes e atravessou riachos... Só no dia seguinte, encontrou a pobre ovelhinha deitada, perto de um pequeno monte, machucada pelos espinhos por ter atravessado um espinheiral. Já estava sem forças, com sede e quase morta!...

Como estava arrependida do que fizera! Com que alegria recebeu o bom pastor que chegava para salvá-la!

O bom pastor deu-lhe água, colocou curativos nas feridas, acariciou-a, conversou com ela... Colocou-a depois nos seus braços, acomodando-a bem em seu ombro. E voltou feliz, muito feliz, com sua ovelhinha.

Chegando em casa, chamou seus vizinhos e amigos e disse-lhes:

— Alegrem-se comigo, meus amigos, porque já achei a minha ovelhinha que se havia perdido.

Assim também - diz Jesus no Evangelho - haverá mais alegria no Céu por um errado que se arrepende e volta ao correto caminho, do que pelo bom comportamento de noventa e nove corretos.

Também esta parábola, filhinho, como a do Filho Pródigo, quer mostrar a você a Infinita Bondade do Céu para com os nossos Espíritos.

A Parábola da Ovelha Desgarrada nos mostra os cuidados que Jesus tem conosco. Tudo ele fez ao seu tempo, quando viveu neste mundo, e tudo ainda faz hoje, do mundo dos Espíritos, para chamar os Espíritos em erros ao arrependimento. Jesus é o Bom Pastor. Ele deu exemplos de vida para nós, que somos suas ovelhinhas.

A Parábola nos mostra que, longe do Bom Pastor, nós só podemos encontrar sofrimento, perigos, miséria e desespero.

Mas, se nos arrependermos de nossos erros, não só daremos alegria ao nosso Bom Pastor - JESUS - como também a todo o mundo espiritual, todos os nossos Amigos e Benfeitores Espirituais se alegrarão imensamente.

Haverá “alegria no Céu”, disse o Senhor.

Não queremos dar contentamento a quem tudo exemplificou pela nossa felicidade?

Não queremos dar alegria no mundo espiritual aos nossos Benfeitores Queridos que nos protegem e nos ensinam a correta verdade?

Que o seu coração, meu filho, também se arrependa de seus erros, mesmo pequeninos, para dar hoje, HOJE MESMO, uma grande alegria ao nosso Bom Pastor, que do mundo espiritual olha por nós e nos espera um dia no Reino dos Céus.

(Por que os filhos querem sair de casa? Será que não estamos oferecendo a eles a educação correta? Ou será que estamos oprimindo-os em excesso? Ao quisermos ‘proteger’ os nossos filhos, normalmente limitamos suas iniciativas, levando-os a se enervarem por não poderem decidir por si mesmos em suas ações futuras. Ao pensarmos em orientar nossos filhos, devemos procurar dialogar muito, mas muito mesmo, para que saibamos e façamos eles saberem as consequências de ações futuras. Eles devem ter as iniciativas, nós devemos informá-los!)

5 - A PARÁBOLA DA DRACMA PERDIDA

(Lucas, capítulo 15º, versículos 8 a 10)

Uma pobre mulher tinha dez dracmas. Era toda a sua riqueza...

A dracma era uma pequena moeda grega, que tinha valor também na Palestina, pois muitos filhos da Grécia lá viviam e usavam essa moeda.

A pobre mulher possuía dez moedinhas gregas.

Guardava-as com cuidado, pois era zelosa de seus deveres e aquela pequena quantia estava destinada ao pagamento de suas despesas no lar.

Ela não ficou sabendo como, mas, a verdade é que, quando abriu o cofrezinho, onde guardava o dinheiro, só encontrou nove moedas. Para onde teria ido a que faltava?

Acendeu a lamparina de barro e procurou-a em sua casa. Remexeu as roupas, arrastou a pequena mobília e buscou a vassoura. Varreu toda a casa, em busca da moedinha que lhe era tão útil e necessária. Finalmente, depois de muito procurar e muito varrer, encontrou sua dracmazinha perdida.

Que alegria! Agora poderia pagar todas as suas pequenas dívidas... Não estava mais preocupada: achou sua moedinha desaparecida e novamente a colocou junto das outras nove, na caixinha de madeira.

Ficou tão contente com o encontro, que contou o caso às suas amigas vizinhas que também eram pobres, e para quem uma pequena moeda fazia igualmente muita falta.

E dizia às suas vizinhas:

— Minhas amigas, alegrem-se comigo, porque achei a minha dracma que se havia perdido.

Assim também - diz Jesus no Evangelho - há muita alegria entre os Espíritos corretos quando um Espírito errado se arrepende dos erros cometidos.

Esta parábola, filhinho, como as duas anteriores - do Filho Pródigo e da Ovelha Desgarrada - também quer levar o Espírito ao arrependimento de nossos erros. A história nos mostra que existe um Deus de Bondade que quer que nos livremos de nossos erros e enganos.

Se uma pobre mulher, ao perder uma pequena moeda, se esforça para encontrá-la e não descansa enquanto não a acha, também Deus, meu filho, nos ilumina, sem cessar, nos quartos escuros de nossas vidas. Também Deus acende uma lamparina e nos ilumina, pois, nós somos Suas “dracmas perdidas”. Ele quer que nos encontremos, Ele nos quer para Si Mesmo, para o seu Reino, para a Felicidade Eterna que nos reserva.

É por isso, filhinho, que o mundo espiritual tanto se preocupa em nos iluminar na Terra. É por isso que há uma incontável quantidade de Benfeitores Celestiais - que são os Espíritos corretos, os Espíritos da Luz e do Bem - que, incessantemente, nos inspiram seus bons pensamentos, ajudando-nos sempre e ensinando-nos a Vontade Divina em suas mensagens.

Os Benfeitores Espirituais são como que as lamparinas de Deus. E nós as dracmas perdidas. Nós estamos no chão, na poeira de nossos erros, longe da Luz e da Verdade. Mas, os Benfeitores Espirituais, as lamparinas de Deus, nos iluminam. Se nós nos entregarmos em suas mãos, se aceitarmos sua Luz e nos arrependermos sinceramente de nossos erros, eles nos tomam sob sua guarda - eles nos “acham” - e se alegram muitíssimo com a nossa regeneração. Há, então, muita alegria no mundo espiritual, entre nossos Benfeitores Espirituais, porque nossos Espíritos saíram da escuridão do erro, aceitaram a Luz da Verdade e voltaram para o caminho correto.

Que você, querida criança, pense bem, medite sinceramente sobre esta parábola. Se você se sente uma “dracmazinha perdida” (isto é, se você reconhece seus defeitos e imperfeições), não se esconda da Luz da Verdade, que está em Jesus Cristo. Deixe que os Mensageiros Divinos, que são as Lamparinas do Céu, “achem” você, para fazer de seu Espírito arrependido um Espírito puro, bondoso e obediente à Lei de Deus.

Se você proceder assim, dará muita alegria a eles e será imensamente feliz.

(Nós devemos explicar corretamente a parte moral das parábolas, para isso necessitamos ter conhecimento razoavelmente bom da Doutrina dos Espíritos. Com esse conhecimento saberemos separar os valores espiri-

tuais dos valores desta vida material. Ao conversarmos com nossos filhos, ou com as crianças e jovens, sobre valores da vida, devemos dar mais ênfase aos espirituais, pois, eles são mais importantes.)

6 - A PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO

(Mateus, capítulo 13º, versículos 24 a 30, e 36 a 43)

Um semeador, durante todo o dia, semeou grãos de trigo no seu campo.

Ao por do sol voltou para casa, cansado, mas, feliz por haver realizado sua missão de trabalho. Semeara trigo e estava contente porque aquele trigo seria, em breve, transformado em pão, para alimento de muita gente.

Porém, esse semeador tinha uma pessoa que invejava suas plantações. O invejoso era mau e queria, a todo custo prejudicar as sementeiras do fazendeiro.

“Que farei?” - pensava a pessoa invejosa -. E teve a ideia errada de semear pequenas pedras no campo de trigo; mas, poderiam ser retiradas e sua raiva não ficaria atendida. Resolveu, então, semear joio onde o trigo havia sido semeado. Foi esse o plano maldoso da pessoa invejosa do semeador.

O joio é uma planta muito parecida com o trigo, mas, não serve para a alimentação do humano, podendo até envenená-lo. Eis porque a pessoa invejosa do semeador quis fazer a mistura do joio com o trigo no campo, visando prejudicar a colheita e causar problemas aos que se alimentassem do produto daquele campo.

A pessoa invejosa fez o que pensou. Durante a noite, enquanto o semeador e seus trabalhadores dormiam, a pessoa invejosa entrou no campo e semeou joio no meio do trugal. Completada sua obra de ódio e maldade, ele se retirou, cuidadosamente.

Algum tempo depois, quando as espigas de trigo já surgiam no campo, apareceu também o joio.

Então, os trabalhadores foram dizer ao semeador o que haviam visto no campo:

— Senhor, não semeaste no campo somente boas sementes? Por que, então, está nascendo joio no trugal?

O semeador já havia descoberto tudo e respondeu aos trabalhadores:

— Foi uma pessoa invejosa que fez isso...

Os trabalhadores lhe perguntaram:

— Senhor, queres que vamos, agora mesmo, arrancar o joio?

O semeador, porém, lhes respondeu com uma explicação:

— Não é possível fazer isso agora. Vocês sabem que o joio é muito parecido com o trigo. Se vocês quiserem arrancar o joio, que foi plantado junto com o bom grão, arrancarão também o trigo, pois as raízes de ambos muitas vezes ficam juntas. Deixem que cresçam juntos o joio e o trigo. Na época da colheita, eu direi aos trabalhadores que colham primeiro o joio e o amarrem em feixes para queimá-lo; e depois juntem o trigo no meu celeiro.

Esta Parábola do Joio e do Trigo, Jesus a contou ao povo da Galiléia. Seus discípulos estavam presentes, mas, não a entenderam. Quando Jesus chegou na casa de Simão Pedro, os discípulos lhe pediram que lhes explicasse a parábola.

E o Divino Mestre interpretou-a com muita simplicidade.

Que você, meu querido menino, preste atenção para entendê-la também. Eis a explicação de Jesus:

O Semeador é Jesus, que semeia a boa semente.

O campo é o mundo, Terra onde vivemos.

A boa semente são os filhos corretos, isto é, são os Espíritos que ouvem o Evangelho e fazem todos os esforços para compreendê-lo e praticá-lo.

O joio são os filhos errados, o que quer dizer, os Espíritos que não querem ouvir as leis divinas nem as cumprir, mas, buscam os errados caminhos do orgulho, do egoísmo e dos vícios.

A pessoa invejosa que semeou o joio é o “Diabo”, palavra que traduz as Forças Erradas, os Espíritos em erro, que mentem contra Jesus, levando os Espíritos aos enganos, o crime e à injustiça.

A colheita é no fim do mundo, isto é, na época da Regeneração da Terra, quando o nosso planeta deixar de ser um mundo de Expição e de Provas para ser elevado à categoria de mundo de Regeneração, quando a verdade de Jesus reinará entre os humanos.

Os trabalhadores são os anjos. A palavra anjo quer dizer mensageiro. Os trabalhadores serão os Mensageiros da Luz, verdadeiros condutores invisíveis da humanidade; são os Espíritos corretos que, em nome de Deus, conduzem os nossos destinos e vão dirigir a transformação do mundo. Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será também na época da Regeneração em nosso mundo. Haverá uma verdadeira separação dos Espíritos obedientes daqueles desobedientes. Os que desejam sinceramente o caminho Correto, do bem e da justiça, serão separados daqueles que, por gosto próprio, preferem o caminho do Erro e da injustiça. Os Espíritos dirigirão a essa separação, que não está longe de ser feita. Todos os que cometem Erros, escândalos, maldades, injustiças serão destinados aos mundos em formação, onde terão vulcões, terremotos e inundações, lá serão purificados pelo fogo, pela dor do arrependimento. Nesses mundos em formação (que são o inferno de que fala o Evangelho), os Espíritos teimosos sofrem muito. Mais tarde, você vai ler os livros de André Luiz, psicografados por Francisco Cândido Xavier, e verá como é triste a vida dos Espíritos que não querem seguir as Leis de Deus. Outro, bem diferente, é o destino dos Corretos, dos Espíritos obedientes e fiéis. Disse Jesus: “Eles brilharão como o Sol, no Reino de Deus”. Aqueles que, neste mundo, buscarem fazer o certo, o bem a todos os irmãos e cumprir os mandamentos da Lei de Deus, serão, pela Eternidade, Espíritos Corretos, serão felizes, belos e resplandecentes. Eis a recompensa que Deus destina aos seus filhos.

Entendeu, filhinho, a Parábola do Joio e do Trigo?

Pense muito bem nela. Seja no mundo a semente de trigo, crescendo sob as bênçãos de Deus, para se transformar numa espiga Correta. Seja um filho do Reino, sempre obediente à Lei Divina. Não permita que as Forças Erradas - Espíritos em erro -, lancem no seu coraçãozinho o joio do erro, da rebeldia e da maldade, dos pensamentos errados e indignos.

Salomão já ensinava, há três mil anos: “Acima de todas as coisas que se devem guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Provérbios, 4:23).

É uma grande verdade, meu filho. Guarde o seu coraçãozinho para o Divino Semeador. Receba somente as sementes do trigo celeste, que são os ensinamentos de Jesus e as inspirações Corretas.

(Com o estudo sistematizado da Doutrina dos Espíritos, sua meditação e aplicação no possível, vamos obtendo o conhecimento moralizado. Com este conhecimento moralizado, produto da reforma íntima, temos um entendimento amplo da ação divina em nosso caminhar espiritual e, assim sendo, podemos explicar as ocorrências de nossa vida encarnada em função do nosso estágio elevatório espiritual, sabendo e entendendo que todas são de nossa necessidade evolutiva deste momento. Por isso, poderemos interpretar e transmitir corretamente os ensinamentos do Mestre Jesus, o Cristo!)

7 - A PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

(Lucas, capítulo 18º, versículos 9 a 14)

Um dia, duas pessoas subiram as escadarias do Templo de Salomão para fazer suas preces.

Uma delas era um fariseu e outra era um publicano.

Antes de contar a história dessas duas pessoas, explicaremos alguma coisa a você.

Os fariseus eram pessoas religiosas, que viviam no tempo de Jesus. Eram muito orgulhosas e se consideravam perfeitas por cumprirem as determinações da sua religião. Gostavam de discutir sobre assuntos espirituais. Consideravam suas interpretações como as únicas certas. Eram vaidosas pela antiguidade de sua seita religiosa. Tratavam os partidários das outras crenças com ódio e desprezo. Achavam que “religião” era somente a prática de cerimônias nas suas igrejas (que eram chamadas sinagogas; templo só havia um, o de Salomão, em Jerusalém). Eram, quase sempre, cheias de vícios e erros, mas, fingiam por palavras e atitudes que eram corretas e santas.

Os publicanos eram os cobradores de impostos. No tempo de Jesus, a Palestina pertencia ao Império Romano. Por isso, os judeus pagavam impostos ao Imperador. Os publicanos eram, em geral, judeus que exerciam essa profissão: cobravam impostos de seus compatriotas em favor do Império de Roma. Aproveitavam-se, muitas vezes, da sua função para impor multas desonestas, roubando o povo. Por isso, eram geralmente odiados e chamados de ladrões.

Voltemos, agora, à nossa história.

Um fariseu e um publicano subiram ao Templo para orar.

O fariseu fazia sua oração, dizendo:

— Ó meu Deus, eu Te agradeço muito, porque não sou semelhante às outras pessoas, que são ladrões e injustos. Agradeço-te porque não sou como este publicano indigno que está ali adiante... Ó Senhor, todas as segundas e quintas-feiras eu jejuo, recordando a subida de Moisés ao Monte Sinai e sua descida com as Tábuas da Lei. Dou o dizimo (1) de tudo quanto ganho nos meus negócios...

O publicano estava a alguma distância do fariseu. Não tinha coragem nem de levantar os olhos ao altar, pois estava profundamente arrependido dos furtos que cometia ao cobrar os impostos. Também orava, mas, sua prece era muito diferente da oração do fariseu orgulhoso.

Dizia o publicano na sua prece: — Ó Deus, tem misericórdia de mim, que sou um miserável errado!

Que foi que aconteceu depois dessas duas orações?

Preste atenção, filhinho: Deus ouve todas as preces que nós Lhe fazemos. Mas, nem a todas Ele responde. A prece do fariseu era uma declaração de orgulho; nem merecia ser chamada prece. Deus não atende aos orgulhosos.

A oração do publicano é o grito de um Espírito arrependido de seus erros. E é justamente isso que Deus deseja: que nós reconheçamos nossos erros e nos emendemos, buscando o caminho correto, do bem. Por isso (é Jesus quem diz no Evangelho), Deus atendeu à oração do publicano e o justificou, isto é, deu-lhe novas forças para que ele se corrigisse e caminhasse honestamente na vida.

Encerrando a Parábola, disse Jesus: “Todo aquele que a si exalta (isto é, que se mostra orgulhoso) será humilhado; mas, o que se humilha, será exaltado”.

Entendeu bem, meu filho, o significado espiritual da Parábola do fariseu e do publicano?

O fariseu não teve sua oração atendida por Deus por causa do orgulho e dureza de coração. Em lugar de suplicar as bênçãos de Deus para seu Espírito, ele, cheio de orgulho, desprezou os outros, considerando-se muito perfeito. Demonstrou ignorar a Sabedoria de Deus, pois apresentou ao Pai Celestial uma lista das coisas que fazia, como se Deus não soubesse de tudo que acontece. O publicano, ao contrário, foi humilde e sincero. Reconheceu, diante de Deus, que estava em erro e pediu perdão de suas faltas e culpas. Por isso, foi ouvido por Deus, que Lhe deu novas forças espirituais.

Que você, filhinho, nunca proceda como o fariseu da Parábola. Nunca se considere superior aos seus companheiros. Não se julgue melhor que seus irmãozinhos, nem mais inteligente que seus colegas. Nunca pense que você é mais puro ou mais digno que seus companheiros da Escola de Evangelho. Nunca fale de suas vitórias, nem de valores que você julgue possuir: o fariseu é que fez isso.

Não pense também nas coisas certas que você já realizou. Pense nas coisas certas que você ainda pode e deve fazer. Para que você nunca se orgulhe de nada que sabe ou possui, olhe o exemplo dos grandes missionários de Deus que passaram pelo mundo. Veja como a sua vida é pobrezinha em comparação com a deles. Não fique desanimado com isso. Você deve imitá-los, mas não se considere justo nem perfeito ainda.

Convém, que você, diante de Deus, com a humildade do publicano, conte ao Pai do Céu, com toda a sinceridade, seus erros; suas faltas, seus defeitos e seus vícios. Faça tudo isso em oração. Honesta e sinceramente. E Deus olhará para você com o mesmo amor com que abençoou o publicano. Dará a você novas forças, novos pensamentos, novas bênçãos. E você há de ser uma criança realmente correta; bondosa, sincera, humilde, obediente - um Espírito verdadeiramente cristão!

(1) Dízimo - quer dizer "a décima parte" -. Era a contribuição da décima parte das colheitas ou rendimentos, que os judeus pagavam para a reconstrução do Templo de Salomão.

(Também aqui, aquele que já tem o conhecimento moralizado, poderá explicar de modo correto a ação de Deus, através das Suas Leis, no desenrolar das vidas e da existência dos mundos no Universo. Podendo, desse modo, ensinar aos filhos, ou outros jovens irmãos, o modo correto de proceder para atender à Lei de Deus!)

8 - A PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS

(Mateus, capítulo 21º, versículos 28 a 32)

Um pai tinha dois filhos. Ambos viviam com ele numa vinha que pertencia à família.

Um dia, pela manhã, o pai chamou o menino mais velho e disse-lhe:

— Meu filho, hoje não irás ao mercado da vila. Já fiz todas as compras necessárias. Vai trabalhar na vinha.

O juvenzinho, que era tido como um modelo de menino educado, pelas atenções que dispensava a todos, respondeu com toda a delicadeza a seu pai:

— Sim, meu pai, já vou.

A verdade, porém, é que prometeu, mas não foi. Desejaria ir ao mercado, mas não trabalhar na vinha, colhendo cachos e mais cachos de uvas. Ficou intimamente aborrecido com a ordem do pai, mas, não quis desrespeitá-lo com palavras. E pensou consigo mesmo: Desejaria tanto ir ao mercado hoje... Lá me encontraria com Joel e Davi... E meu pai me mandou catar bagos na vinha... Não, não irei. Disse que iria, mas não vou... Não, não vou mesmo...

E não foi.

Na mesma hora, também, o pai chamou o filho caçula, que era o desobediente da casa. Muito rebelde, era considerado pelos vizinhos “uma pestezinha”, o oposto do irmão mais velho.

O pai chamou-o, também, e disse-lhe:

— Meu filho, não terás que acompanhar teu irmão ao mercado hoje. Já chegaram as compras que fiz. Vai trabalhar na vinha.

O menino, que era muito impulsivo, respondeu com muita aspereza ao pai:

— Eu, não... Não quero trabalhar na vinha... E correu.

Entrando, instante depois, em seu quarto, arrependeu-se das palavras brutas que disse ao paizinho tão amigo e voltou à sala para pedir-lhe perdão. E foi, com a consciência tranquila, colher os cachos de uva nas lindas videiras de seu pai.

Jesus contou esta Parábola dos Dois Filhos, em Jerusalém, aos sacerdotes que duvidaram de sua missão e que não se arrependeram com as pregações de João Batista. E é aos mesmos sacerdotes que Jesus pergunta, ao terminar a parábola:

— Qual dos dois filhos fez a vontade do pai?

— O segundo.

E Jesus lhes disse:

— Em verdade vos digo, que os publicanos que roubam e as mulheres que erram entrarão no reino de Deus antes de vós. Porque João veio, exemplificando a justiça e a vontade de Deus, e os errados o ouviram e se arrependeram de seus erros, começando uma vida nova. Mas, vós, que também ouvistes João, não vos arrependestes nem crestes nele.

Entendeu, querida criança, a Parábola dos Dois Filhos?

O filho mais velho era um menino de bons modos, muito educado, atencioso, de finas maneiras. Era considerado por todos um modelo de perfeita educação. Respondia e falava sempre com muita cortesia e não magoava a ninguém com palavras. E assim procedeu para com seu pai, intimamente, porém, era um rebelde, que só fazia o que desejava, só gostava de atender à própria vontade e aos próprios caprichos. Respondeu com delicadeza ao pai, mas, não obedeceu a ele. Era um rebelde “invisível”.

O segundo, o caçula, não tinha as maneiras delicadas do irmão. Era, muitas vezes, áspero de linguagem, mas, no fundo, não era mau nem revoltado. Sabia reconhecer seus erros, pedia perdão de suas faltas e acabava fazendo a vontade de seu pai.

No caminho de nossa perfeição espiritual devemos proceder como o segundo menino da história. De nada nos valerá conseguir a aparência de pessoa educada, caridosa e cristã, se interiormente não desejarmos fazer a vontade de Deus.

O menino mais velho é o símbolo das pessoas que aparentam muita decência, delicadeza e fé, mas, praticamente são desobedientes à moral e à Lei de Deus.

O menino caçula é o símbolo do Espírito que é habituado ao erro e aos errados costumes, à desobediência e à indelicadeza, mas, que reconhece seus erros, arrepende-se sinceramente, pede perdão de seus erros e depois faz o que devia fazer, obedecendo à vontade de Deus e não aos seus caprichos.

Que você, querido filho, tenha a facilidade do caçulinha da parábola para arrepender-se de seus erros. Erros para com o papai amigo, para com a mãezinha bondosa, para com os maninhos que Deus lhe deu...

Busque acima de todas as coisas da vida, em todas as situações e em todas as horas, fazer a vontade do Pai do Céu, sem discussões e sem rebeldia. A Vontade de Deus é sempre o Correto; o Bem, a Paz e a Verdade.

Que você diga sempre a Deus: “EU VOU, MEU PAI DO CÉU” e vá mesmo. Você colherá as lindas uvas da paz e da sabedoria do Alto, da bondade e da verdade eternas. E pelo amor que obedece, você estará com Deus para sempre...

(No nosso estágio elevatório espiritual, onde predominam o orgulho e o egoísmo, nos faz rebeldes ao cumprimento das coisas Corretas pela Lei de Deus. Essa rebeldia deve-se ao desconhecimento provocado pelo nosso conformismo e comodismo ao mundo material. A Lei de Deus nos mostrando os valores do mundo material e do mundo espiritual, nos faz entender os nossos atuais, e grandes, problemas, indicando a nossa falta de cumprimento aos valores espirituais. Mas, para cumprir esses valores espirituais, temos que mudar nosso pensar e nosso proceder, e isso é o que mais nos revolta! Temos que mudar! Quando mudaremos? As dores podem indicar isso! Queremos mudar pela dor?)

9 - A PARÁBOLA DA TORRE

(Lucas, capítulo 14º, versículos 28 a 30)

Certa vez, um fazendeiro quis construir uma torre, a fim de defender sua propriedade. Assim se fazia antigamente, nos tempos de Jesus. No alto da torre ficavam os vigias; a torre tinha outras utilidades também.

Vários amigos o animaram na construção da pequena fortaleza. Dizia-lhe um, muito animado, que começasse imediatamente a lançar os alicerces.

Outro companheiro, também muito otimista, lhe disse que nada deveria temer, pois quem muito pensa e muito teme nada consegue fazer.

Outro amigo, igualmente entusiasmado, o animou a iniciar logo a construção da torre, afirmando-lhe que o ajudaria com o trabalho e lhe daria uma parte das pedras necessárias.

O fazendeiro, porém, não começou logo a construir a torre. Pensou primeiro e primeiro fez o cálculo das despesas da construção. Procurou saber, antes de tudo, o preço das pedras, dos tijolos e de todo o material necessário para a edificação da sua pequena fortaleza. Buscou saber, também, quanto teria que pagar aos operários e ao mestre construtor, que era um especialista estrangeiro. Depois de tudo examinar com cuidado e exatidão, depois de verificar que as despesas estavam ao seu alcance, resolveu contratar os trabalhadores, comprar o material e iniciar as obras.

Os amigos criticaram o fazendeiro pela sua demora. Mas, ele lhes explicou que tudo na vida tem um preço. E que ele, para ser honesto, só poderia fazer o que fez: calcular primeiramente as despesas da construção, a fim de não dar prejuízo a ninguém.

— Meus amigos - disse o fazendeiro - eu sou uma pessoa de responsabilidade. Não posso prejudicar a ninguém e tenho que zelar pela honra de meu nome. Se eu começasse a construção da torre sem fazer os cálculos que fiz, poderia não ter recursos para terminar a obra e todos zombariam de mim. Diriam: “Esta pessoa começou a edificar e não pôde acabar”. E que significaria isso, se tal acontecesse? Todos diriam que eu sou uma pessoa sem juízo, que se pôs a fazer o que não podia, causando prejuízo aos outros. Mas, graças a Deus, não procedi assim; fiz os cálculos, vi que poderia construir a torre e... ei-la pronta!

O fazendeiro mostrou, então, a bela torre aos seus amigos animados, mas, apressados. Todos ficaram muito contentes, porque a pequena fortaleza poderia defender com segurança as propriedades do sábio e honrado fazendeiro. Além disso, seus amigos compreenderam a grande lição...

Que grande lição é esta, querida criança?

E a seguinte: todas as coisas, neste mundo e na Eternidade, têm um custo exato. Tudo tem seu preço na vida. Preço material, representado pelo valor em dinheiro, ou preço espiritual, que significa outro valor - valor moral -, diante de Deus.

Compreende bem isso, filhinho? Veja, então:

Você sabe o preço de seus livros, sabe o preço do sorvete, sabe o preço da bola e do lápis. Todas essas coisas têm um preço. Se você quer um sorvete, tem que saber primeiro se pode pagar o preço dele. Se pode, você o compra. Antes de comprar a bola, você busca saber quanto ela custa, se você possui o dinheiro suficiente, você pode adquiri-la.

Assim também, querida criança, são os valores espirituais para quem quer seguir a Jesus. Se você quer ser Correto; ser bom, ser honesto e digno, ser um verdadeiro discípulo do Evangelho, você tem que “pagar” alguma coisa por isso. Mas, não é pagar dinheiro. O dinheiro não compra virtudes.

As virtudes, os valores morais, as qualidades superiores do Espírito são conquistadas pelo esforço no certo, no bem, com a renúncia do errado, do mal. Eis aí o preço: você tem de se esforçar muito e abandonar tudo que prejudica seu progresso espiritual.

Se você der todas as suas forças para tornar-se correto; bondoso, honesto, cumpridor dos seus deveres; abandonando os errados costumes, os vícios, não acompanhando os errados exemplos, você estará construindo sua torre (que significa seu valor moral, o aperfeiçoamento espiritual).

Para sermos cristãos verdadeiros, filhinho, é preciso que paguemos o preço do esforço e da renúncia. Esforço no caminho correto, do bem e renúncia de tudo que prejudica nosso Espírito.

Examine seu Espírito. Pense no que você é. Faça os cálculos de seus valores morais e de seus defeitos, tal como fez o construtor da torre. Analise, num exame de consciência, seu próprio Espírito, filhinho. Faça isso sinceramente. Pergunte a você mesmo:

— Gosto mais de estudo ou da vadiagem?

— Gosto mais das coisas de Deus ou das inutilidades do mundo?

— Quero ser mesmo um seguidor de Jesus? Ou tenho ambições de grandeza terrena?

— Sou honesto nos meus negócios ou não me incomodo de prejudicar os outros?

— Sou vingativo ou perdoador? Sincero ou mentiroso? Obediente ou rebelde? Humilde ou orgulhoso? Cumpridor das minhas tarefas ou preguiçoso? Reconhecido aos meus benfeitores ou ingrato?

Se você reconhece que ainda é um menino que tem muitos defeitos, procure corrigir-se, filhinho. Renuncie ao erro, abandone o que mancha seu Espírito, largue o que impede seu progresso, recuse o que desobedece à Lei de Deus e a consciência. Com seu esforço, “compre” no Evangelho os bens materiais de construção, as “pedras” do bem e da sabedoria de Jesus. Proceda como o fazendeiro da parábola e você edificará uma torre de virtudes no seu coração.

Tenha a certeza de que Jesus, que é o Mestre Construtor de nossas vidas, abençoará seu esforço no certo e sua renúncia ao errado. E ajudará seu Espírito. Sua torre espiritual será, para sempre, a poderosa fortaleza de seu Espírito.

(Construir a torre é adquirir conhecimentos, para isso basta paciência para estudar e meditar. Já, defender a torre, isto é, praticar os conhecimentos meditados, é o grande problema, pois estamos acostumados e conformados aos modismos sociais do mundo de valores materiais e, romper com eles, é extremamente difícil!)

10 - A PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO

(Mateus, capítulo 18º, versículos 23 a 35)

Há muito tempo e muito longe daqui, havia um rei que governava um grande e rico país.

Esse rei tinha muitos ministros que se consideravam seus trabalhadores, tão grande era o poder de seu grande chefe.

Cada ministro exercia uma tarefa e uma função determinada no governo daquele país.

Um dia, o rei chamou os seus trabalhadores (que eram os tesoureiros e oficiais de sua corte) para fazer contas com ele. Todos teriam que prestar contas ao monarca. Alguns haviam feito empréstimos e era chegada a hora de pagar suas dívidas ao rei.

Chegou, primeiramente, um importante trabalhador, que era uma espécie de tesoureiro do reino. Feito o balanço, foi verificado que ele devia ao rei a grande quantia de dez mil talentos. A dívida total do trabalhador tesoureiro era do que ele havia retirado do tesouro real para suas despesas extravagantes de pessoa gastadora.

Esse trabalhador tesoureiro gastara no jogo e no luxo essa quantia fabulosa e agora não tinha possibilidade de pagar sua dívida ao rei.

Naquele tempo, as leis dos países orientais ordenavam que fosse vendido, juntamente com sua esposa, seus filhos e seus bens, aquele que não pudesse pagar suas dívidas ou restituir seus roubos. Foi o que o rei fez, o seu trabalhador tesoureiro não tinha com que pagar o débito, O rei, então, ordenou que ele, sua esposa e seus filhos fossem vendidos para pagamento da dívida.

Ouvindo o julgamento do rei, o trabalhador tesoureiro ajoelhou-se diante dele e suplicou-lhe, entre lágrimas e lamentações:

— Senhor, tem piedade, tem paciência comigo. Eu trabalharei e te pagarei tudo.

O soberano encheu-se de compaixão por aquela infeliz pessoa, que gastara loucamente seu dinheiro e agora estava reduzido à miséria. E perdoou-lhe a dívida.

O trabalhador tesoureiro saiu do palácio real com o coração aliviado pelo perdão de seu senhor. Era agora um pobre, estava reduzido à miséria, mas, estava em liberdade e sentia-se feliz: tinha sua mulher, seus filhos e sua casa. Haveria de trabalhar para viver, trabalharia muito - pensou... -. Não muito longe do palácio, encontrou, no entanto, um pobre trabalhador do rei, a quem, há muito tempo, ele emprestara a pequena quantia de dois talentos.

O trabalhador tesoureiro do rei estava na miséria... E ali estava, a poucos passos dele, alguém que lhe devia algum dinheiro...

Esquecendo-se do perdão do bondoso rei, que tivera compaixão dele, o trabalhador tesoureiro avançou para a pobre pessoa e, segurando-a pela garganta, sem a menor piedade, foi-lhe gritando:

— Paga o que me deves... Paga-me os dois talentos, já, sem demora...

E, cruelmente, sufocava o pobre trabalhador do palácio. Este conseguiu ajoelhar-se diante do trabalhador tesoureiro e, chorando, sem forças, suplicou:

— Senhor, tem piedade, tem paciência comigo. Eu trabalharei e te pagarei tudo.

Mas, o trabalhador tesoureiro era uma pessoa dura de coração e não atendeu ao pobre devedor. Esqueceu-se de que, momentos antes, ele estava na mesma situação, com uma dívida imensamente maior e fora perdoado pelo rei... Mandou prender o infeliz companheiro até que lhe pagasse a dívida.

Aconteceu, porém, uma coisa que o trabalhador tesoureiro não esperava. Alguns oficiais da corte, que assistiram à cena do perdão do soberano, passavam pela rua justamente no momento em que o trabalhador tesoureiro apertava a garganta do seu pobre devedor e este lhe suplicava inutilmente misericórdia.

Os oficiais ficaram profundamente tristes quando viram o pobre devedor ser levado para a prisão, por uma dívida tão pequena, por ordem de quem havia sido perdoado por uma dívida tão grande. E, imediatamente, voltaram à presença do rei para contar-lhe tudo que viram e ouviram. Então, o rei mandou que seus soldados fossem buscar o trabalhador tesoureiro. Quando este chegou diante do trono, muito amedrontado e acovardado, o rei lhe disse:

— Trabalhador malvado, eu perdoei a tua dívida porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, ter compaixão de teu devedor como eu tive de ti? Mas, como és maldoso e não tiveste misericórdia de teu próximo, não mereces a liberdade. Irás para a prisão até pagares tudo que me deves.

Termina Jesus a Parábola dizendo, numa advertência que não se deve esquecer: “Assim vos fará também meu Pai Celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas”. Entendeu, querida criança, a Parábola do Credor Incompassivo?

O rei representa Deus, que é o Rei do Universo. Ele nos tem perdoado uma dívida imensa. Nossa presença na Terra (nossa atual encarnação) significa um aspecto do imenso perdão de Deus para conosco. Imensa era nossa dívida para com Deus (tal como a do tesoureiro), dívida representada pelos nossos muitos erros através de muitas encarnações. Deus nos oferece, agora, o Seu Perdão através de nova oportunidade, nesta atual existência, para nos corrigirmos dos erros e buscarmos a perfeição de nossos Espíritos. Não se esqueça disso, filhinho.

Lembremo-nos sempre do Perdão Divino, sobretudo quando formos ofendidos por alguém. Por maior que seja a ofensa que alguém nos faça (calúnia, perseguição, intriga, brutalidade etc.), lembremo-nos de que muito mais temos ofendido a Lei Divina com os nossos erros e rebeldias, nesta vida atual e em nossas existências passadas.

Por maior que seja o errado que alguém nos faça, saibamos perdoar-lhe essa dívida moral, recordando a parábola. Pensemos assim: qualquer erro, por maior que seja, não passa de dois talentos. E pensemos também, filhinho, usando a mesma comparação, que nossa dívida para com Deus é infinitamente maior: é de dez mil talentos!...

Saibamos perdoar sempre, qualquer que seja o erro, que é sempre pequeno comparado com os erros que temos feito à Divina Majestade de nosso Rei do Céu.

Perdoemos sempre, querida criança, nunca esquecendo as misericórdias de Deus. Ele sempre semeou bênçãos auxiliadoras sobre nossos Espíritos em erro, oferecendo-nos novas oportunidades de reparação e progresso. Imitemos nosso Pai do Céu e não o trabalhador tesoureiro da Parábola. Entendeu tudo, filhinho?

(Quando falarmos das dívidas, devemos explicar direitinho a razão delas, e não somente a origem, para que fique bem clara a necessidade do conhecimento e da moral a fim de ir solucionando-as - pagando ou resgatando -. Deve ser demonstrado que, não devemos nos perturbar com essas dívidas, elas são produto de uma época em que desconhecíamos os valores espirituais, mas agora, já conhecedores, sabemos como devemos pagá-la.)

11 - A PARÁBOLA DO RICO INSENSATO

(Lucas, capítulo 12º, versículos 6 a 21)

Havia uma pessoa muito rica, que possuía muitas terras. Centenas de escravos trabalhavam nelas.

Grandes e muitas eram as plantações de trigo. Muito bem preparados eram também os campos em que os escravos cuidavam da cultura do centeio, da cevada e da ervilhaca. Os vinhedos se estendiam pela planície imensa. E os pastos verdes, onde os rebanhos se multiplicavam, iam até as montanhas distantes...

E cada vez mais a pessoa se enriquecia. Exportava seus produtos para os países vizinhos. Os mercadores de Tiro, de Sidon, de Esmirna e de Damasco estavam sempre em sua casa, realizando e combinando grandes negócios...

A pessoa, um rico fazendeiro, havia mandado construir grandes depósitos para suas colheitas. Mas, os celeiros, embora enormes, já eram insuficientes para armazenar os frutos de seus campos de cultura...

Um dia, ele pensou: “Que farei? Os celeiros já estão pequenos... Não tenho mais onde recolher tantos frutos...”.

E preocupado com suas colheitas, cada vez maiores, resolveu derrubar os celeiros e construir outros muito maiores...

Mandou chamar os melhores construtores do país e foram edificadas vários celeiros gigantescos. E o rico fazendeiro ficou satisfeito quando contemplou, finalmente, as novas e imensas construções em sua rica e bem cuidada fazenda. Agora estava tranquilo. Os celeiros eram enormes e nelas caberia toda a produção de seus campos...

Disse aos amigos, aos construtores e aos escravos:

— Agora poderei viver tranquilo muitos anos... Os celeiros podem armazenar todas as colheitas e tão cedo não será preciso aumentá-los. Posso agora, finalmente, viver sossegado e pensar somente na exportação dos produtos...

E à noite, muito satisfeito, antes de deitar-se, ao invés de orar, raciocinava e dizia a si mesmo: “Ó Espírito! Tens em depósito muitas riquezas, para muitos e muitos anos! Descanse, come, bebe, alegra-te.

E o rico fazendeiro deitou-se, muito orgulhoso de sua fortuna, confundindo corpo físico e Espírito, tão grande era sua ignorância das coisas espirituais... Deitou-se sem um pensamento para Deus. Só imaginava que poderia, daquele dia em diante, viver sem preocupações, pois teria riquezas acumuladas para muitos anos...

Assim pensava o rico fazendeiro, mas, Deus pensava de outra maneira.

O rico fazendeiro pensava que era inteligente, mas, Deus achava que ele era simplesmente uma pessoa sem juízo...

E nessa mesma noite, após a inauguração dos celeiros e os pensamentos de orgulho do rico fazendeiro, Deus disse: Insensato, esta noite teu Espírito será chamado; e o que tanto juntaste para quem será?

E sem que ninguém soubesse como, nem a que hora, nessa noite o rico fazendeiro morreu, sem um gemido e sem uma prece, no seu leito luxuoso...

Seus planos de tranquilidade para o futuro foram inúteis. Ele não sabia que o futuro pertence somente a Deus... De nada lhe valeram os celeiros recheados de frutos e cereais. Inútil foi juntar tanta riqueza, sem nunca haver pensado em Deus nem nas necessidades do próximo. Morreu sem fé e sem humildade no coração. Suas riquezas de nada lhe valeram na Pátria Espiritual, porque ele nunca as utilizou para o bem dos outros. O que tem valor na Eternidade ele não possuía, porque nunca havia juntado “tesouro no Céu”, mas, somente na Terra...

“Assim é aquele - diz Jesus, terminando a Parábola - que, para si, junta tesouros e não é rico para com Deus”.

Compreendeu, filhinho, a Parábola do Rico Insensato?

Ele era uma pessoa avarenta: só pensava em juntar riquezas materiais. Só se preocupava em aumentar sua fortuna. Nunca pensou que pudesse ser chamado para a Eternidade, repentinamente. É que ele só confiava no dinheiro. Não pensava em Deus, nem na vida futura, nem nas necessidades dos pobres e dos escravos de sua fazenda. O poder que governa o mundo está nas mãos de Deus, mas, ele pensava que estava na força do seu dinheiro.

Que resultou dessa insensatez, dessa grande falta de juízo? O desencarne o colheu de repente e seu Espírito penetrou no Mundo Invisível nas piores condições, cego e sem luz. Sabe por quê? Porque não se preparou espiritualmente para a existência no Além; porque, não havia bondade em seu coração, nem possuía fé em Deus, nem conhecia as leis da Vida Superior.

Triste destino, não acha?

Que a história do rico fazendeiro, sem juízo e avarento, mostre ao seu coraçãozinho, desde agora, aquilo que Jesus ensinou ao povo, quando contou esta parábola: é preciso evitar toda a avareza, porque a vida de uma pessoa não consiste na abundância das coisas materiais que possui.

Que você, filhinho, aprenda a ser rico para com Deus. E há de ser, se em lugar da avareza, você cultivar a caridade; se em lugar de riquezas ilimitadas, você buscar enriquecer-se de conhecimento das leis divinas. Assim, você praticará a vontade de Deus, agora e mais tarde, quando você crescer...

Que você seja rico, muito rico mesmo, de fé, de humildade, de amor fraterno, de esperança, de espírito de serviço, de pureza. Essas são as riquezas de Deus, que valem neste mundo e no mundo futuro - na Eternidade -.

(Os bens materiais são muito valiosos quando são utilizados para equilibrar aos nossos irmãos necessitados, pois assim fazendo, eles promovem a elevação espiritual. Lembrar que os bens materiais também se referem aos 'atributos' do nosso corpo físico, ou sejam: Ouvidos, para muito ouvir os lamentos. Olhos, para ver as dores dos injustiçados. Braços, para mover os obstáculos que impedem o correto caminhar. Pés, para caminhar em direção dos necessitados. Boca, para corretamente aconselhar e confortar os aflitos etc.)

12 - A PARÁBOLA DOS TALENTOS

(Mateus, capítulo 25º, versículos 14 a 30)

Certa vez, uma pessoa rica, grande proprietário, teve necessidade de deixar sua pátria e viajar por outros países.

Chamou, então, seus trabalhadores de confiança e lhes entregou seus bens, a fim de que negociassem com as quantias que lhes eram entregues.

Ao primeiro trabalhador deu cinco talentos. Ao segundo entregou dois talentos e ao terceiro, um talento.

Ele fez essa distribuição de acordo com a capacidade de cada trabalhador. E depois seguiu para viagem.

O primeiro foi imediatamente negociar com os talentos e, nos vários negócios que fez, conseguiu ganhar outros cinco talentos.

O segundo fez o mesmo e conseguiu de lucro mais outros dois talentos.

O terceiro trabalhador, porém, em lugar de multiplicar seu dinheiro realizando negócios, como os outros dois, saiu da casa do patrão e foi para sua residência. E, no fundo do quintal, enterrou a moeda de ouro que o patrão lhe havia passado às mãos.

Decorrido algum tempo, o patrão voltou do estrangeiro para sua pátria. Chegando a casa, chamou aqueles trabalhadores para ajustar contas com eles.

Compareceu o primeiro à presença do seu patrão. E falou:

— Senhor, entregaste-me cinco talentos. Negociei com eles, como ordenaste, e consegui multiplicá-los com meu trabalho honesto, conseguindo outros cinco. Aqui estão, meu senhor, os dez talentos que te pertencem.

Disse-lhe o proprietário, em resposta:

— Muito bem, trabalhador bom e fiel. Já que foste fiel no pouco que te confiei, de agora em diante eu te confiarei negócios maiores e mais importantes. Estarás sempre comigo, ao meu lado, e gozarás da minha felicidade e bem-estar.

Chegou o segundo trabalhador e disse também:

Senhor, entregaste-me dois talentos. Também negociei com eles, como mandaste e consegui multiplicá-los igualmente, com meu esforço honesto, conseguindo outros dois. Aqui estão, meu senhor, os quatro talentos que te pertencem.

— Muito bem, trabalhador bom e fiel. Já que foste fiel no pouco que te confiei, de agora em diante eu te confiarei também negócios maiores e mais importantes. Estarás ao meu lado, sempre comigo, e gozarás também, como teu companheiro, da minha felicidade e bem-estar.

Chegou, por fim, o terceiro trabalhador, que havia recebido um só talento. E disse ao seu patrão:

— Senhor, eu te conhecia e sempre soube que és uma pessoa dura e severa, que gostas de colher onde não semeastes e recolhes o trabalho dos outros. Por isso, tive medo de ti e de tua justiça. E, por medo, escondi o teu talento na terra. Mas, hoje desenterrei tua moeda. Aqui está, senhor, o que te pertence.

O proprietário, porém, lhe respondeu:

— Trabalhador errado e preguiçoso, por que me ofendes assim? Por que imaginas que eu gosto de colher onde não semeiei e me agrada ganhar com o trabalho alheio? Se assim julgavas, por que não puseste, pelo menos, o dinheiro no banco, para render juros, já que não querias multiplicá-lo com teu trabalho?

E chamando outros trabalhadores de sua casa, continuou:

— Tirai-lhe o talento e dai-o ao que tem dez talentos. A todo aquele que tem ainda, mais se dá e ele terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Lançai o trabalhador inútil fora do meu palácio, onde há lágrimas, fome e revolta, sem as alegrias que provêm do trabalho honesto e fiel.

Esta parábola, filhinho, é uma imagem do Reino de Deus. Nesse Reino, que abrange o Universo inteiro, cada Espírito, por mais pobre e simples que seja, tem uma determinada tarefa ou missão.

Deus dá a cada um de nós (pai, mãe, criança, jovem ou adulto) uma tarefa, maior ou menor, segundo a capacidade de cada Espírito. Isso é o que significa a distribuição diferente dos talentos (um recebeu 5, outro recebeu 2, outro recebeu 1). Mas, Deus quer que nós multipliquemos os nossos talentos e não que os enterremos, como fez o trabalhador preguiçoso, que mereceu também o qualificativo de errado.

Nossos talentos, filhinho, são as possibilidades que todo Espírito possui de fazer algum bem no mundo. Você também recebeu de Deus cinco, ou dois, ou um talento, isto é, você pode fazer algum bem neste mundo: ajudando seus paizinhos, sendo amigo de seus maninhos, sendo prestativo e bondoso para seus colegas, fazendo algum serviço na Escola de Evangelho, auxiliando, conforme suas posses, os pobrezinhos, os órfãos, os tristes... Há tantos Espíritos sofredores e necessitados no mundo, meu filho!...

Os seus talentos são o seu conhecimento, a sua bondade, o seu dinheirinho do lar, a sua boa vontade para ajudar a quem sabe ou pode menos que você. Tudo que você possui ou sabe é um talento que Deus confiou a ti, a fim de que seu coração e sua inteligência o multipliquem em favor dos pobres, dos sofredores e dos necessitados do mundo.

Não imite o terceiro trabalhador, querida criança, que enterrou seu talento. Não negue sua cooperação, quando puder prestar um favor. Não deixe de ajudar a mamãezinha nos serviços domésticos. Não negue um auxílio honesto a um colega de estudo. Não gaste todo o seu dinheirinho em gulodices, mas, lembre-se dos orfãozinhos, dos pobres, dos doentes e comece a socorrê-los com suas moedinhas. Existem mil pequeninos serviços de bondade e de delicadeza, mil pequenas tarefas de caridade e de compaixão que você pode realizar na vida, cumprindo sua missão de overlhinha de Jesus. Não enterre seus talentos, sim?

Se você cumprir seu dever de trabalhar no bem, nas pequeninas coisas, creia que a Parábola se cumprirá na sua vida: o Senhor Jesus confiará ao seu Espírito tarefas maiores no Seu Reino e você gozará de Sua Perfeita Alegria, na grande felicidade de trabalhar com Ele em favor da regeneração de nosso mundo.

Pode crer, filhinho, que não existe felicidade maior do que esta.

(O que é mais importante: Doar uma grande soma em dinheiro, ou doar um tempo de sua atenção? Para cada nível de conhecimento haverá uma opinião diferente. Para aquele que já conseguiu um razoável nível moral, fundamentado na Lei de Deus, só há uma resposta: Doar um tempo de sua atenção! Com o conhecimento moralizado, obtido pelo estudo, meditação e aplicação da Doutrina dos Espíritos, os valores morais, do Espírito, são muito mais valorizados e, também, compreende-se melhor a 'moral social', colocando-a no devido valor.)

13 - A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

(Mateus, capítulo 20º, versículos 1 a 16)

Uma pessoa possuía uma grande vinha, onde colhia bastante uvas.

Um dia, saiu de casa bem cedo para procurar novos trabalhadores para seu vinhedo.

Chegando à praça da cidade, perto de sua casa, encontrou alguns pessoas sem emprego. Combinou com elas o salário daquele tempo, que era um denário por dia. Os trabalhadores, satisfeitos, aceitaram imediatamente o convite e, por ordem do proprietário, seguiram para o trabalho da vinha.

Às nove horas da manhã, o vinhateiro voltou à praça, onde havia sempre, como era costume naquela época, pessoas que procuravam serviço. Encontrou mais algumas pessoas desempregadas e disse-lhes:

— Ide também trabalhar na minha vinha. Eu vos pagarei o que for justo.

E os trabalhadores seguiram para o campo e começaram sua tarefa.

Ao meio-dia, e depois às três da tarde, o vinhateiro voltou à mesma praça e fez o mesmo, contratando novos trabalhadores.

Às cinco horas da tarde, pela última vez nesse dia, esteve no mesmo local, onde encontrou igualmente algumas pessoas sem serviço. Perguntou-lhes, então:

— Por que estais aqui, o dia inteiro, desocupados?

E elas responderam:

— Senhor, aqui estamos porque ninguém contratou nossos serviços até agora.

Respondeu o vinhateiro:

— Ide também vós trabalhar na minha vinha.

Ao anoitecer, o senhor da vinha chamou o administrador e disse-lhe que fizesse o pagamento dos salários aos trabalhadores.

Naqueles tempos, os trabalhadores recebiam o pagamento diariamente; esse salário de cada dia era chamado jornal. Por isso, eram chamados também jornaleiros.

— Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos e acabando pelos primeiros - ordenou o vinhateiro -.

Foram chamados os que chegaram às cinco horas da tarde e só trabalharam uma hora. E cada um deles recebeu um denário.

E assim, os outros que começaram a tarefa às três horas da tarde e ao meio-dia. Por fim, chegaram os que começaram o serviço pela manhã bem cedo. Pensavam que iriam receber mais (pois viram os trabalhadores da última hora receberem um denário). O administrador, porém, pagou igualmente aos primeiros um denário.

Então, estes começaram a resmungar contra o vinhateiro, alegando:

— Estes últimos trabalharam somente uma hora e tu os igualaste a nós, que aguentamos o peso do dia e o calor sufocante.

O vinhateiro, entretanto, disse a um deles que mais murmurava:

— Meu amigo, eu não te faço injustiça; não combinaste comigo o jornal de um denário? Recebe, pois, o que te pertence, sem reclamação. Eu quero dar aos últimos tanto quanto dei a ti. Não achas que tenho direito de fazer o que me agrada daquilo que me pertence? Por que sentes ciúme e inveja? Não tenho, por acaso, o direito de ser bondoso?

Termina Jesus a Parábola dizendo: “Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão últimos”.

Esta bela história, filhinho, mostra como Deus executa Sua Perfeita Justiça.

À primeira vista, parece que os trabalhadores queixosos tinham razão de reclamar contra o vinhateiro, pois eles trabalharam mais tempo que os últimos, que só tiveram uma hora de serviço. Esse, filhinho, é o raciocínio humano, é ideia da justiça humana, que só considera o lado exterior das coisas. No caso da parábola, os trabalhadores não tinham direito de reclamação, porque estavam recebendo o salário combinado na praça com o vinhateiro. Era o salário comum naquele

tempo, para o trabalho de um dia. O vinhateiro havia prometido pagar um denário e cumpriu sua palavra.

Não houve nenhuma injustiça da parte do proprietário da vinha. Ele quis pagar também um denário, isto é, o salário justo, aos trabalhadores de última hora, certamente porque viu que o serviço feito por estes, nessa única hora, foi feito com boa vontade, amor e cuidado. Ele considerou, não o tempo, mas, a qualidade do serviço feito.

Assim é a Justiça Divina, filhinho. Ela nos recompensará, um dia, na Eternidade, pelo trabalho que fizermos em favor do Reino de Deus na Terra. A recompensa, porém, será dada, não em consideração ao número de horas de nosso serviço, nem à quantidade do mesmo. Não, meu filho, Ela não olhará o lado exterior, visível, nem o volume de nossas obras. Ela nos julgará pela qualidade de nosso trabalho, pela sinceridade de nossos atos, pela nossa boa vontade no auxílio aos outros, pelo amor, cuidado e dedicação com que cumprirmos nossas tarefas. Ela olha a qualidade de nosso trabalho e não as horas de nosso serviço. A Justiça Divina considera nosso coração e nosso caráter, e não nosso relógio e nossa balança.

Que seu serviço, filhinho, na Vinha do Evangelho, agora ou mais tarde, quando você crescer, seja sempre feito com boa vontade, com sinceridade, com amor. Que você não se habitue a reclamações. Que você nunca inveje o que seja dado aos outros, como fizeram os trabalhadores das primeiras horas. Respeite o trabalho e o entusiasmo dos companheirinhos novos, que vão chegando para a Escola de Evangelho e começando a fazer alguma coisa de Jesus. Não sinta ciúme, se eles receberem qualquer atenção, ou provas de bondade, dos professores. A Parábola é uma grande lição contra o espírito de reclamação, contra a mania das queixas, contra o veneno da inveja.

Que você, filhinho, procure fazer sempre, com boa vontade e humildade, qualquer serviço, pequenino ou maior, que Jesus confia ao seu coração.

(Esta parábola também destaca aquela diferença entre moral e ‘moral social’, destacando a justa perenidade da primeira e a relatividade da segunda. Ao obtermos o conhecimento moralizado e começarmos a aplicá-lo, sentimos o impacto do mundo, reagindo contra a novidade... A velhice da ‘moral social’, cristalizada em nós há milênios, não aceita facilmente a moral divina.)

14 - A PARÁBOLA DA VIÚVA IMPORTUNA

(Lucas, capítulo 18º, versículos 1 a 8)

Havia, numa cidadezinha da Palestina, um juiz que não respeitava nem a Lei de Deus nem as pessoas.

Em lugar de dar o bom exemplo, honrando a posição que ocupava, esse juiz zombava de tudo que se referisse às coisas da Lei de Deus. Declarava-se ateu e não respeitava as crenças alheias.

Era também injusto nos seus julgamentos. Não procedia corretamente nem no tribunal nem no lar. Era uma pessoa desleal nas suas decisões e sem bondade para com aqueles que o procuravam, cheios de confiança. O errado juiz não tinha boa vontade para atender a ninguém. Muitas vezes mandava dizer que não estava em casa, quando pessoas pobres iam ao seu encontro. Se estava no tribunal, era sempre com má vontade e indelicadeza que atendia os que se aproximavam dele; depois de muito esperarem, era quase certo receberem do juiz um “não” às súplicas mais comovedoras e aos pedidos mais justos.

Vivia também nessa cidade uma pobre viúva. Era muito doente e tinha dois filhos menores, que haviam nascido dependentes físicos. Seu marido, desencarnado num desastre, lhe havia deixado uma pequena casa e uma pequena propriedade numa aldeia próxima. Infelizmente, o sócio de seu marido era uma pessoa desonesta. E agora, vendo que a pobre mulher, doente e abatida, tendo que cuidar dos filhinhos enfermos, não poderia dirigir a pequena propriedade, o sócio errado tomou conta da propriedade, dizendo a todos que comprara da viúva.

A pobre mulher foi ao encontro do antigo sócio de seu marido e pediu que não lhe tirasse aquela propriedade, que era a única fonte de sustento para ela e seus filhinhos doentes. Mas, o sócio errado, duro de coração, não quis atendê-la. E ainda zombou dela.

A viúva resolveu, então, apelar para o juiz.

Todos lhe diziam que era inútil, que o juiz não atendia aos pobres... Ela, porém, não desanimou. Foi à casa do juiz. Um empregado veio dizer que o juiz não estava em casa. Não era verdade isso, pois, ela o vira, minutos antes, à sombra de uma videira, no pomar de sua casa.

Humilhada e triste, voltou para casa, para junto dos filhinhos. Não desanimou, porém. No dia seguinte, retornou à casa do juiz. Outra mentira, e ela não foi recebida. Voltou muitas vezes. Muitas outras o procurou no tribunal, até que, um dia, pôde dizer-lhe:

— Senhor juiz, faze-me justiça, pois o sócio de meu falecido marido se apossou da propriedade que me pertence e que é o sustento de meus filhinhos. Defende-me do meu adversário...

O juiz prometeu intervir junto do sócio errado, mas, nada fez. Outra vez, e mais outra, e várias outras, a viúva incansável procurou o juiz, rogando-lhe que lhe fizesse justiça.

O juiz estava imensamente aborrecido com aquelas constantes visitas da viúva. Ela o procurava no tribunal e em casa, sempre com o mesmo pedido: “Faze-me justiça contra meu adversário, Senhor juiz!”.

Por fim, ele disse a si mesmo: “Eu não acredito em Deus, nem respeito as pessoas. Mas, essa viúva não me dá sossego, sempre a importunar-me com o mesmo pedido, sempre a suplicar-me justiça... Bem, eu não dou valor à justiça, nem me incomodo com as misérias alheias... mas, para que essa mulher não mais me aborreça, vou fazer-lhe justiça...”.

E mandou um oficial chamar o sócio errado. Verificou, conforme a viúva lhe dissera, que ele não tinha direito à propriedade. Devolveu a propriedade e as plantações à pobre viúva, fazendo-lhe, assim, justiça, para felicidade dela e das pobres crianças.

Jesus contou esta Parábola da Viúva Importuna, filhinho, para que nós aprendêssemos - é Ele quem diz - a “orar sempre, sem nunca desanimar”.

Ore sempre, meu filho, esperando com toda a confiança as bênçãos do Pai do Céu.

Tudo que você suplicar à Lei de Deus, se seu pedido for justo (como o pedido da viúva), pode ter a certeza de que Ela o atenderá. Não tenha dúvida, filhinho: toda súplica justa é ouvida e atendida por Ela - a eterna justiça de Deus -.

Jesus, depois de contar a parábola ao povo, disse: Recordai as palavras do juiz injusto. Se essa pessoa errada fez justiça à pobre viúva, muito mais fará a justiça de Deus àqueles que merecerem, aos que pedirem, como a viúva pobre, o que for honesto e justo”.

Não esqueça a lição da parábola. Peça à Justiça Divina somente o que for bom e justo. Rogue as bênçãos divinas para você, para seus paizinhos, para os maninhos, para seus parentes, para seus vizinhos, para os pobres, para os doentes, para os órfãos, para os errados. Rogue para você e para todos as bênçãos da paz, da luz, da saúde e da fortaleza espiritual. Se você orar, cheio de fé, a Justiça de Deus atenderá você. Talvez não atenda tão depressa como você deseja. Por que será? Será que a Justiça de Deus deseja ouvir muitas vezes o mesmo pedido? Não, filhinho, mil vezes não. Nós é que nem sempre estamos com a mente e o coração preparados para receber a resposta divina. Por isso, devemos “orar sempre, sem nunca desanimar” como Jesus ensinou, a fim de purificar nossa mente e nosso coração para ouvir e sentir as respostas da Justiça de Deus.

Filhinho: um Espírito digno só pede à Justiça de Deus o que é digno. Um Espírito justo só pede à Justiça de Deus o que é justo. Por isso é que a Justiça de Deus atende os pedidos justos e dignos: os Espíritos dignos e justos MERECEM as bênçãos da Justiça Divina.

Existe, meu filho, uma lei do mérito funcionando na Terra e na Eternidade. Se merecermos, receberemos sempre. Procuremos, para nosso bem, merecer, fazendo a vontade da Lei de Deus, hoje e sempre...

(A questão da ação divina direta deve ser muito bem explicada, para não continuar e nem gerar Idolatria, por antropomorfismo! O estudo sistemático da Doutrina dos Espíritos nos faz compreender, perfeitamente, as ações do Mundo espiritual, pelos Espíritos corretos, sobre o mundo material. Logo em seu primeiro capítulo O Livro dos Espíritos nos apresenta o Criador Eterno e TODOS os Seus atributos! Meditando sobre esses atributos, encontraremos a verdade sobre as ações denominadas de Divinas! Estude para não se enganar!)

15 - A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS

(Mateus, capítulo 25º, versículos 1 a 13)

Naquela noite, dois jovens se casariam.

O casamento seria celebrado à noite, como era costume no tempo de Jesus.

Havia primeiro a cerimônia religiosa, na residência da noiva. Depois, então, a festa do casamento, na residência do noivo.

Os convidados saíam da residência da noiva formando um cortejo. Todos carregavam lâmpadas de azeite ou tochas acesas, porque as ruas eram escuras. Naqueles tempos, você sabe, não havia iluminação a gás nem luz elétrica. O cortejo, começando na residência da noiva, se dirigia para a residência do noivo.

Algumas pessoas convidadas, que não puderam assistir ao ato religioso, esperavam, em frente às suas residências, a passagem do cortejo, a fim de se dirigirem à residência do noivo para as festas do casamento.

As cerimônias religiosas demoraram, porém, bastante tempo na residência da noiva.

Dez moças que não puderam ir lá, estavam esperando a passagem do cortejo, quando o noivo, a noiva e os convidados viessem para a residência do noivo.

Dessas dez moças, cinco eram tolas e desajuizadas. As outras cinco eram prudentes.

Todas sabiam que não era permitido tomar parte na cortejo sem suas lâmpadas ou tochas.

As moças tolas e desajuizadas, porque não tinham cuidado, levavam as lâmpadas com pouco azeite, mas, as moças prudentes levavam as lâmpadas e também umas pequenas vasilhas com azeite.

O noivo estava demorando...

— Por que estará demorando tanto a cerimônia religiosa? - perguntavam as moças, uma às outras -.

Sentadas, vencidas pelo cansaço, todas elas adormeceram.

Já era meia-noite, quando alguém, que vinha à frente do cortejo, gritou: “Eis o noivo! Venham os convidados ao seu encontro!”.

As dez moças, então, se levantaram depressa e prepararam as suas lâmpadas, acendendo-as.

As cinco moças tolas e desajuizadas disseram, nesse momento, às outras cinco:

— Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando... Elas têm pouco azeite...

As moças prudentes, porém, responderam, com delicadeza:

— Infelizmente, amigas, não é possível, porque o azeite que temos não chega para nós e para vós. Ide ao vendedor e comprai-o para vós...

As cinco moças tolas e desajuizadas foram fazer a compra, buscando o vendedor naquela hora tardia da noite. E por isso, demoraram bastante...

A procissão passou, as cinco moças prudentes entraram no cortejo e todos chegaram à casa do noivo. Imediatamente foi fechada a porta, como era costume.

Mais tarde, as cinco moças tolas e desajuizadas chegaram. A porta já estava fechada.

— Que faremos? - perguntavam elas entre si -.

— Batamos à porta - disse uma -.

Bateram, gritando:

— Senhor, senhor, abre a porta para nós!

O noivo, porém, da janela da residência, disse para as moças que estavam na rua:

— Agora não é mais possível... Não vos conheço!

E elas não puderam entrar. Se tivessem sido cuidadosas, estariam na festa juntamente com todos os convidados...

Entendeu, querida criança, a grande lição que Jesus nos deixou com esta parábola? Ele a terminou com as seguintes palavras: “Vigiai, porque não sabeis o dia nem a hora”.

Esta parábola é um convite do nosso Divino Mestre para que sejamos vigilantes, isto é, cuidadosos.

Devemos estar sempre prontos para o cumprimento do nosso dever. Devemos estar sempre prontos para responder à chamada de Jesus para qualquer serviço, pequenino que seja, na Seara do Evangelho. Devemos estar sempre prontos para a hora desconhecida em que formos chamados desta vida presente para a vida espiritual.

Isso é que significa vigilância. Cuidemos, pois, de nossos Espíritos com muito zelo. Sejam como as moças prudentes da parábola, que traziam suas lâmpadas e mais as vasilhas de azeite. Devemos trazer nossos Espíritos como lâmpadas sempre acesas, alimentadas com o azeite da Palavra Divina.

Você viu que o azeite, na parábola, não pôde ser emprestado. Assim sendo, cada um de nós deve cuidar de conseguir o próprio azeite para sua lâmpada, isto é, cada um deve cuidar de aperfeiçoar e iluminar seu próprio coração, pois, não podemos chegar a Deus pelos merecimentos dos outros. É a “lei de esforço próprio” de que tem falado, muitas vezes, nosso benfeitor espiritual Emmanuel.

Atenção para outro ensinamento, querida criança: Devemos cuidar da iluminação de nosso Espírito enquanto é tempo. Não procedamos como as virgens tolas e desajuizadas, que deixaram a compra do azeite para última hora. Por não serem cuidadosas, perderam o direito de entrada às festas do casamento. Se não cuidarmos também, com antecedência, do aperfeiçoamento de nosso Espírito, não teremos ingresso às Moradas Luminosas de paz, de felicidade e de cooperação com Deus.

Pense nessas coisas muito sérias e santas, meu querido menino. E desde agora, “compre” no Evangelho, com as moedas de sua boa vontade e de seu esforço o azeite das Virtudes Divinas para acender a lâmpada do seu coração, preparando-o, cuidadosamente, para os serviços do Bem, com Jesus.

(O entendimento das parábolas que Jesus, o Cristo contou, para serem corretamente entendidas e explicadas, devem ser seguidas de exemplos fundamentados em bom conhecimento dos valores espirituais e dos materiais. Devem ser abrangidas as etapas encarnadas e desencarnadas. Isto tudo, para não haver dúvidas, só pode ser abrangido com o conhecimento moralizado, obtido pelo estudo sistemático da Doutrina dos Espíritos!)

16 - APÊNDICE

TRANSCRIÇÃO DO TEXTO EVANGÉLICO DAS PARÁBOLAS (Conforme Novo Testamento, Tradução Brasileira, Sociedades Bíblicas Unidas, Rio.) (Para uso dos pais e dos professores das Escolas de Evangelho)

17 A PARÁBOLA DO SEMEADOR (Mateus, 13º, versículos, 1 a 9, e 18 a 23)

- 1 Naquele dia, saindo Jesus de casa, sentou-se junto ao mar:
- 2 E chegaram-se a Ele grandes multidões, de modo que entrou numa barca e se assentou; e todo o povo ficou em pé na praia.
- 3 E muitas coisas lhe falou em parábolas, dizendo: O semeador saiu a semear.
- 4 E quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e comeram-na.
- 5 Outra parte caiu nos lugares pedregosos, onde não havia muita terra; e logo nasceu, porque a terra não era profunda;
- 6 E tendo saído o sol, queimou-se; e porque não tinha raiz, secou-se.
- 7 Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram.
- 8 E outra caiu na boa terra e dava fruto, havendo grãos que rendiam cem, outros sessenta, outros trinta por um.
- 9 Quem tem ouvidos, ouça.
- 18 Ouvi, pois, a parábola do semeador.
- 19 Quando alguém ouve a palavra do reino e não a entende, vem o Maligno e tira o que tem sido semeado no seu coração: este é o que foi semeado na beira do caminho.
- 20 O que foi semeado nos lugares pedregosos, é quem ouve a palavra e logo a recebe com alegria.
- 21 Mas não tem em si raiz, antes é de pouca duração; e sobrevindo tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza.
- 22 O que foi semeado entre os espinhos, é quem ouve a palavra, mas os cuidados do mundo e a sedução das riquezas abafam a palavra, e ela fica infrutífera.
- 23 E o que foi semeado na boa terra; é quem ouve a palavra e a entende, e verdadeiramente dá fruto, produzindo a cento, a sessenta e a trinta por um.

18 A PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO (Lucas, capítulo 10º, versículos 25 a 37)

- 25 Levantando-se um doutor da lei, experimentou-O, dizendo: Mestre, que farei para herdar a Vida Eterna?
- 26 Respondeu-lhe Jesus: Que é o que está escrito na lei? Como lês tu?
- 27 Respondeu ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de toda a tua força e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.
- 28 Replicou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isto, e viverás.
- 29 Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo?
- 30 Prosseguindo Jesus, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó; e caiu nas mãos de salteadores que, depois de o despirem e espancarem, se retiraram deixando-o meio morto.
- 31 Por uma coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote; e quando o viu, passou de largo.
- 32 Do mesmo modo, também um levita, chegando ao lugar e vendo-o, passou de largo.
- 33 Um samaritano, porém, que ia de viagem, aproximou-se do homem e, vendo-o, teve compaixão dele;
- 34 E chegando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e pondo-o sobre o seu animal, levou-o para uma hospedaria e tratou-o.
- 35 No dia seguinte, tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse: Trata-o, e quanto gastares de mais, na volta eu to pagarei.
- 36 Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?
- 37 Respondeu o doutor da lei: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Disse-lhe Jesus: Vai-te, e faze tu o mesmo.

19 A PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO (Lucas, capítulo 15º, versículos 11 a 32)

- 11 E continuou: Um homem tinha dois filhos.
- 12 Disse o mais moço a seu pai: Meu pai, dá-me a parte dos bens que me toca. E ele repartiu os seus haveres entre ambos.

- 13 Poucos dias depois, o filho mais moço, ajuntando tudo que era seu, partiu para um país longínquo, e lá dissipou todos os seus bens, vivendo dissolutamente.
- 14 Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome e ele começou a passar necessidade.
- 15 Então, foi encostar-se a um dos cidadãos daquele país e este o mandou para os seus campos guardar porcos;
- 16 Ali desejava ele fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam, mas, ninguém lhas dava.
- 17 Caíndo, porém, em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui estou morrendo de fome!
- 18 Levantar-me-ei irei a meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o Céu e diante de ti;
- 19 Já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teu jornaleiros.
- 20 E levantando-se, foi para seu pai. Estando ele ainda longe, seu pai viu-o e teve compaixão dele e, correndo, o abraçou e beijou.
- 21 Disse-lhe o filho: Pai, pequei contra o Céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.
- 22 O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei-me depressa a melhor roupa e vesti-lha, e ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés;
- 23 Trazei também o novilho cevado, matai-o, comamos e regozijemo-nos.
- 24 Porque este meu filho era morto e reviveu, estava perdido e se achou. E começaram a regozijar-se.
- 25 Ora, seu filho mais velho estava no campo; e quando voltou e foi chegando a casa, ouviu a música e a dança;
- 26 E chamando um dos criados, perguntou-lhe que era aquilo.
- 27 Este lhe respondeu: Chegou teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado,
- 28 Então, ele se indignou, e não queria entrar, e saindo, seu pai procurava conciliá-lo.
- 29 Mas, ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo, sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para eu me regozijar com os meus amigos;
- 30 Mas, quando veio este teu filho, que gastou teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado.
- 31 Replicou-lhe o pai: Filho, tu sempre estás comigo, e tudo que é meu é teu;
- 32 Entretanto, cumpre regozijarmo-nos e alegrarmo-nos, porque este teu irmão era morto e reviveu, estava perdido e se achou.

20 A PARÁBOLA DA OVELHA DESGARRADA (Lucas, capítulo 15º, versículos 3 a 7)

- 3 E JESUS propôs-lhes esta parábola:
- 4 Qual de vós é o homem que, possuindo cem ovelhas e tendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e não vai em busca da que se havia perdido até achá-la?
- 5 Quando a tiver achado, põe-na cheio de júbilo sobre os seus ombros;
- 6 E chegando a casa, reúne os seus amigos e vizinhos e diz-lhes: Regozijai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia perdido.
- 7 Digo-vos que assim haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos, que não necessitam de arrependimento.

21 A PARÁBOLA DA DRACMA PERDIDA (Lucas, capítulo 15º, versículos 8 a 10)

- 8 Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma, não acende a candeia, não varre a casa e não a procura diligentemente até achá-la?
- 9 Quando a tiver achado, reúne as suas amigas e vizinhas, dizendo: Regozijai-vos comigo, porque achei a dracma que eu tinha perdido.
- 10 Assim, digo-vos, há júbilo na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende.

22 A PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO (Mateus, capítulo 13º, versículos 24 a 30, e 36 a 43)

- 24 JESUS lhes propôs outra parábola: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo.
- 25 Mas, enquanto os homens dormiam, veio um inimigo dele, semeou joio no meio do trigo e retirou-se.
- 26 Porém, quando a erva cresceu e deu fruto, então apareceu também o joio.
- 27 Chegando os servos do dono do campo, disseram-lhe: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Pois donde vem o joio?
- 28 Respondeu-lhes: Homem inimigo é quem fez isso. Os servos continuaram: Queres, então, que vamos arrancá-lo?
- 29 Não — respondeu ele —, para que não suceda que, tirando o joio, arranqueis juntamente com ele também o trigo.
- 30 Deixai de crescer ambos juntos à ceifa; e no tempo da ceifa direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiro o joio e atai-o em feixes para o queimar, mas recolhei o trigo no meu celeiro.

- 36 Então, tendo deixado as turbas, entrou Jesus em casa. E chegando-se a eles, seus discípulos, disseram: Explicanos a parábola do joio do campo.
 37 Ele respondeu: O que semeia a boa semente é o Filho do Homem;
 38 O campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do Maligno;
 39 O inimigo que o semeou é o Diabo; a ceifa é o fim do mundo, e os ceifeiros são os anjos.
 40 Pois assim como o joio é ajuntado e queimado no fogo, assim será no fim do mundo.
 41 O Filho do homem enviará os seus anjos, e eles ajuntarão do seu reino tudo que serve de pedra de tropeço e os que praticam a iniquidade.
 42 E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá o choro e o ranger de dentes.
 43 Então, os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça.

23 A PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO (Lucas, capítulo 18º, versículos 9 a 14)

- 9 Propôs também a seguinte parábola a alguns que confiaram na sua própria justiça e desprezavam aos outros:
 10 Subiram dois homens ao templo para orar: um fariseu, e outro publicano.
 11 O fariseu, posto em pé, orava dentro de si desta forma: Ó Deus, graças Te dou que não sou como os demais homens, que são ladrões, injustos, adúlteros, nem ainda como este publicano;
 12 Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.
 13 O publicano, porém, estando a alguma distância, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas, batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador.
 14 Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas, o que se humilha será exaltado.

24 A PARÁBOLA DOS DOIS FILHOS (Mateus, capítulo 21º, versículos 28 a 32)

- 28 Mas que vos parece? Um homem tinha dois filhos; chegando ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha.
 29 Ele respondeu: Irei, senhor - e não foi -.
 30 E chegando ao segundo, disse-lhe o mesmo. Porém, este respondeu: Não quero - mais tarde, tocado de arrependimento foi -.
 31 Qual dos dois fez a vontade do pai? Responderam eles: O segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que os publicanos e as meretrizes entrarão primeiro do que vós no reino de Deus.
 32 Porque João veio a vós no caminho da justiça, e não lhe destes crédito, mas os publicanos e as meretrizes lho deram; e vós, vendo isto, nem vos arrependestes depois, para lhe dardes crédito.

25 A PARÁBOLA DA TORRE (Lucas, capítulo 14º, versículos 28 a 30)

- 28 Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a calcular a despesa, para ver se tem com que a acabar?
 29 Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem, comecem a zombar dele, dizendo:
 30 Este homem começou a edificar, e não pôde acabar.

26 A PARÁBOLA DO CREDOR INCOMPASSIVO (Mateus, capítulo 18º, versículos 23 a 35)

- 23 Por isso o reino dos céus é semelhante a um rei, que resolveu ajustar contas com os seus servos.
 24 E tendo começado a ajustá-las, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.
 25 Não tendo, porém, o servo com que pagar, ordenou o seu senhor que fossem vendidos, ele, sua mulher, seus filhos e tudo quanto possuía, e que pagasse a dívida.
 26 O servo, pois, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Tem paciência comigo, que te pagarei tudo.
 27 E o senhor teve compaixão daquele servo, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida.
 28 Tendo saído, porém, aquele servo encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem denários; e, segurando-o, o sufocava, dizendo-lhe: Paga o que me deves.
 29 E este, caindo-lhe aos pés, implorava: Tem paciência comigo, que te pagarei.
 30 Ele, porém, não o atendeu; mas foi-se embora e mandou conservá-lo preso, até que pagasse a dívida.
 31 Vendo, pois, os seus companheiros o que se tinha passado, ficaram muitíssimo tristes, e foram contar ao seu senhor tudo o que havia acontecido.

- 32 Então o seu senhor, chamando-o, disse-lhe: Servo malvado, eu te perdoei toda aquela dívida, porque me pediste;
 33 Não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, como eu tive de ti?
 34 E irou-se o seu senhor e o entregou aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia.
 35 Assim também meu Pai celestial vos fará, se cada um de vós, do íntimo do coração, não perdoar a seu irmão.

27 A PARÁBOLA DO RICO INSENSATO (Lucas, capítulo 12º, versículos 16 a 21)

- 16 Então lhes expôs uma parábola, dizendo: As terras de um homem rico produziram muito fruto.
 17 E ele discorria consigo: Que hei de fazer, pois não tenho onde recolher os meus frutos?
 18 E disse: Farei isto; derribarei os meus celeiros e os construirei maiores, e aí guardarei toda a colheita e os meus bens;
 19 E direi à minha alma: Minha alma, tens muitos bens em depósito para largos anos; descansa, come, bebe, regala-te.
 20 Mas Deus disse-lhe: Insensato, esta noite te exigirão a tua alma; e as coisas que ajuntaste, para quem serão?
 21 Assim é aquele que entesoura para si, e não é rico para com Deus.

28 A PARÁBOLA DOS TALENTOS (Mateus, capítulo 25º, versículos 14 a 30)

- 14 Porque é assim como um homem que, partindo para outro país, chamou os seus servos e lhes entregou os seus bens:
 15 A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada qual segundo a sua capacidade; e seguiu viagem.
 16 O que recebera cinco talentos, foi imediatamente negociar com eles e ganhou outros cinco;
 17 Do mesmo modo o que recebera dois, ganhou outros dois.
 18 Mas o que tinha recebido um só, foi-se e fez uma cova no chão e escondeu o dinheiro do seu senhor.
 19 Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles.
 20 Chegando o que recebera cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; aqui estão outros cinco que ganhei.
 21 Disse-lhe o seu senhor: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito; entra no gozo do teu senhor.
 22 Chegou também o que recebera dois talentos, e disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; aqui estão outros dois que ganhei.
 23 Disse-lhe o seu senhor: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito, entra no gozo do teu senhor.
 24 E chegou por fim o que havia recebido um só talento, dizendo: Senhor, eu soube que és um homem severo, ceifas onde não semeaste, e recolhes onde não joeiraste;
 25 E, atemorizado, fui esconder o teu talento na terra; aqui tens o que é teu.
 26 Porém, o seu senhor respondeu: Servo mau e preguiçoso, sabias que ceifo onde não semei, e que recolho onde não joeirei?
 27 Devias, então, ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros e, vindo eu, teria recebido o que é meu com juros.
 28 Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem os dez talentos;
 29 Porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á, terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem ser-lhe-á tirado.
 30 Ao servo inútil, porém, lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá o choro e ranger de dentes.

29 A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA (Mateus, capítulo 20º, versículos 1 a 16)

- 1 Porque o reino dos céus é semelhante a um proprietário, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha.
 2 E feito com os trabalhadores o ajuste de um denário por dia, mandou-os para a sua vinha.
 3 Tendo saído cerca da hora terceira, viu estarem outros na praça desocupados.
 4 E disse-lhes: Ide também vós para a minha vinha, e vos darei o que for justo. E eles foram.
 5 Saiu outra vez cerca da hora sexta e da nona, e fez o mesmo.
 6 E cerca da undécima, saiu e achou outros que lá estavam, e perguntou-lhes: Por que estais aqui todo o dia desocupados?
 7 Responderam-lhe: Porque ninguém nos assalariou. Disse-lhes: Ide também vós para a minha vinha.
 8 À tarde, disse o dono da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos e acabando pelos primeiros.
 9 Tendo chegado os que tinham sido assalariados cerca da undécima hora, receberam um denário cada um.
 10 E vindo os primeiros, pensavam que haviam de receber mais; porém, receberam igualmente um denário cada um.
 11 Ao receberem-no, murmuravam contra o proprietário, alegando:

- 12 Estes últimos trabalharam somente uma hora, e os igualaste a nós que suportamos o peso do dia e o calor extremo.
- 13 Mas o proprietário disse a um deles: Meu amigo, não te faço injustiça; não ajustaste comigo um denário?
- 14 Toma o que é teu, e vai-te embora; pois quero dar a este último tanto como a ti.
- 15 Não me é lícito fazer o que me apraz do que é meu? Acaso o teu olho é mau, porque eu sou bom?
- 16 Assim os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos.

30 A PARÁBOLA DA VIÚVA IMPORTUNA (Lucas, capítulo 18º, versículos 1 a 8)

- 1 Propôs-lhes Jesus uma parábola para mostrar que deviam orar sempre e nunca desanimar.
- 2 Dizendo: Havia em certa cidade um juiz, que não temia a Deus, nem respeitava os homens.
- 3 Havia também naquela mesma cidade uma viúva que vinha constantemente ter com ele, dizendo: Defende-me do meu adversário.
- 4 Ele por algum tempo não a queria atender; mas, depois disse consigo: Se bem que eu não tema a Deus, nem respeite os homens;
- 5 Todavia como esta viúva me incomoda, julgarei a sua causa, para que ela não continue a molestar-me com as suas visitas.
- 6 Ouvi, acrescentou o Senhor, o que disse este juiz injusto;
- 7 E não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora seja demorado em defendê-los?
- 8 Digo-vos que bem depressa lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na Terra?

31 A PARÁBOLA DAS DEZ VIRGENS (Mateus, capítulo 25º versículos 1 a 13)

- 1 Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo.
- 2 Cinco dentre elas eram néscias, e cinco prudentes.
- 3 As néscias, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.
- 4 Mas, as prudentes levaram azeite em suas vasilhas juntamente com as lâmpadas.
- 5 Tardando o noivo, toscanjaram todas e adormeceram.
- 6 Mas à meia-noite ouviu-se um grito: Eis o noivo! Sai ao seu encontro.
- 7 Então se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas.
- 8 E disseram as néscias às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando.
- 9 Porém as prudentes responderam: Talvez não haja bastante para nós e vós; ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós.
- 10 Enquanto foram comprá-lo veio o noivo; e as que estavam apercebidas, entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.
- 11 Depois vieram as outras virgens e disseram: Senhor, Senhor, abre-nos a porta.
- 12 Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço.
- 13 Portanto, vigiai, porque não sabeis nem o dia nem a hora.
- Fim